

Todos pela música

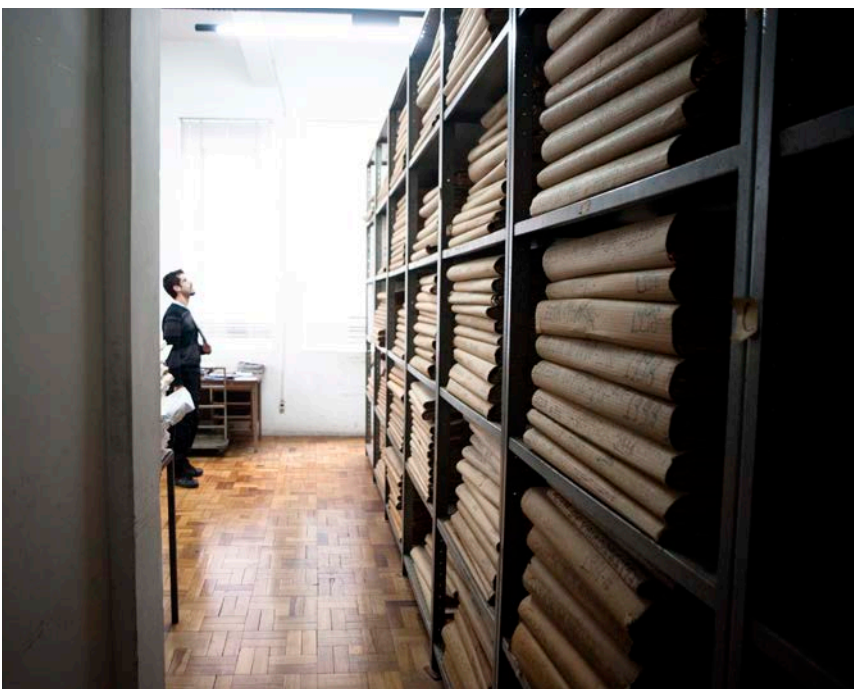


Entoando *Viva la musica*, canção de Michael Praetorius, a primeira turma de formandos do curso de Licenciatura em Música a Distância da UFRGS dirigiu-se ao palco do Salão de Atos entrando pelas portas laterais, envolvendo a

todos na plateia. O Concerto Interativo, regido pelo maestro Wilson Gavaldão de Oliveira (foto), antecedeu a cerimônia realizada em 25 de maio, que trouxe à Universidade estudantes de estados como Rondônia, Bahia e Espírito Santo.

Em seus relatos, eles contam como foi desafiar barreiras cognitivas e emocionais para provar que é possível formar-se professor de música na modalidade a distância com excelência e paixão. **P. Central**

Acervos de papel na era digital



Por que, em meio à revolução na forma de acessar informações, os velhos acervos de jornais impressos continuam sendo referência para a pesquisa histórica? A resposta pode estar na busca por um retrato da sociedade na qual eles circularam. Para especialistas, a conservação desses arquivos significa a manutenção da credibilidade da história de uma comunidade, que pode ser perdida nos sites encontrados na Internet. Por isso, setores como o Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS têm investido na aquisição de coleções de microfimes de jornais que existiram nos séculos XIX e XX. **P13**



CÉLULAS-TRONCO

Intercâmbio deverá impulsionar pesquisas

Um convênio firmado entre a UFRGS, o Instituto de Pesquisa em Células-Tronco de Porto Alegre e The National Institute for Biological Standards and Control (NIBSC) irá facilitar o processo de envio de pesquisadores de uma instituição para a outra. O NIBSC é referência mundial em pesquisas com células-tronco. **P11**

COMPORTAMENTO

A programação cultural alternativa produzida pelos estudantes

P6

Extensão

A aposta na força da troca de conhecimentos **P7**

Eleições

Chapa 2 vence Consulta à Comunidade **P3**

Política

Incertezas quanto aos limites da Comissão da Verdade **P4**

Contra a monocultura da mente

Ao criticar a ideia de natureza como um bloco, a ativista Vandana Shiva combate o modo de produção que provoca cegueira em relação à diversidade do mundo. **P10**

Espaço da Reitoria

Sandra de Deus
Pró-reitora de Extensão

Tempo de Maré de Arte no Litoral

O tempo agora é de frio e de recesso nas aulas. Logo teremos as formaturas que fecham um ciclo para muitos de nossos estudantes. Esta edição do JU aquece o inverno com uma excelente agenda cultural, apresentando um resumo das atividades que serão realizadas neste mês. Também traz uma reportagem sobre 4.º Festival de Violão da UFRGS, evento que trouxe de volta a Porto Alegre a tradição dos festivais internacionais da década de 70. Julho será aquecido por uma grande programação cultural. Para integrar a agenda do mês, e se estabelecer como programa necessário nos próximos anos, vem aí o Festival de Inverno Maré de Arte, a ser realizado em Tramandaí de 29 de julho a 5 de agosto. O Festival reúne música, apresentações teatrais e oficinas em um encontro que vive a diversidade cultural da região, integrando universidade e comunidade em experiências científicas e culturais. O Maré de Arte se constitui em um excelente programa para

aproveitar o final das férias escolares e saudar o início do próximo semestre. É mais uma das tantas atrações que o nosso Litoral oferece mesmo no inverno.

Este Festival, que ganhou o significativo nome de Maré de Arte, é parte integrante da política cultural da Universidade calcada em três eixos: resgate da comunidade universitária, reflexão e ações multiculturais. Ao longo dos últimos anos, essa política fez florescer diferentes atividades: a reativação do Projeto Vale Doze e Trinta, que desperta a reflexão e a criatividade do público do Câmpus do Vale e possibilita a valorização musical dos discentes e servidores ao oferecer a divulgação de seus trabalhos; o projeto Unifoto, com a revitalização do saguão da reitoria; o Percurso do Artista – com três edições já realizadas e uma em fase de preparação –, cujo objetivo é mostrar a trajetória dos professores artistas; e o Interlúdio, que traz música para a reitoria

no horário do meio-dia, com recitais de estudantes e egressos do Instituto de Artes. Temos ainda a Exposição Permanente de Cerâmica e outras iniciativas que, pela sua presença no cenário cultural do estado, são ainda mais reconhecidas. É o caso do projeto Unimúsica, que na edição deste mês nos brindará com a beleza da Orquestra à Base de Cordas, e da Sala Redenção, cujas sessões de cinema contam com uma grande afluência de público.

A cultura é parte da ampla atuação da extensão universitária, que com passos largos ocupa um lugar de destaque na estrutura acadêmica não mais como um complemento, mas como formação efetiva, ao lado do ensino e da pesquisa. Troca saberes entre universidade e sociedade para renovar o ensino e oferecer novos dados para as pesquisas.

Mas o JU tem muito mais. Uma boa leitura!

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farrópilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembocker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissara
Editora
Ánia Chala
Reporteres
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico
Juliano Brunl Pereira
Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcoetta / Ánia Chala
Bolsistas
Bibiana Guaraldi, Priscila Daniel e Priscila Kichler Pacheco (Jornalismo)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade
@jornalufrgs

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Programação cultural

Escrevo para elogiar a excelente programação oferecida pela Sala Redenção da UFRGS, que tem exibido clássicos do cinema de grandes diretores. Gostaria apenas de sugerir uma coisa, tendo em vista a escuridão dos meses de inverno e a iluminação escassa do câmpus centro: por que não fazer uma sessão às 18h? Isso, certamente, atrairia mais público.

► **Júlio Roberto Silva, aposentado**

Errata

Na matéria publicada na página 11 da edição n.º 149 do JU, de junho de 2012, sob o título "De olho na balança", deixou de constar o crédito à autora, Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).

Memória da UFRGS

GAEZLER / ACERVO LUME



1952

No momento em que a praça Otávio Rocha, situada no centro da capital, passa por um processo de revitalização criticado por grupos de ambientalistas, a imagem do início dos anos 50 nos dá uma dimensão do quanto aquele espaço já foi melhor aproveitado pelos moradores do entorno.

Artigo

Rede multicêntrica para o cuidado de pessoas que usam drogas

Há pouco tempo, era muito comum associar o usuário de drogas à criminalidade. No imaginário popular, isso ainda persiste, porém não mais com a força total de outrora. A máscara da criminalidade hoje é mais fortemente oferecida ao comerciante das drogas – o traficante. Aos consumidores dos entorpecentes, uma frequente imagem que tem sido ofertada é a de doente – mais especificamente, de dependente químico.

A antiga posição do usuário de drogas como criminoso contribuía para o rompimento dos laços sociais e familiares do mesmo, o que, comumente, resultava no agravamento dos seus possíveis problemas com o uso de drogas. A imagem da doença deslocou os dispositivos com que o Estado e a sociedade tratam e olham essas pessoas: os que outrora eram unicamente punidos, agora têm a possibilidade de buscar ajuda para seus problemas.

Entretanto, no cuidado com usuários de drogas, corremos o risco de cair em algumas armadilhas se pensarmos nessas pessoas unicamente a partir de um diagnóstico. Por vezes, quando adoecemos, tendemos a querer extirpar de nós algo que está prejudicando o nosso corpo. Tomamos remédio para matar bactérias, fazemos cirurgias para extrair nossos tumores. Há o imaginário de que para uma doença deva coexistir uma cura. De que para cada veneno exista seu bálsamo correspondente.

No cuidado de pessoas que usam drogas, pode ser danoso pensar que haja modelos de atendimento pré-definidos. Existem infinitas maneiras de usar drogas, muitas delas prejudiciais à saúde e muitas delas não. O uso de drogas nas sociedades humanas é um fenômeno comum e histórico. Não há quase nenhuma sociedade em que não haja

uso de substâncias psicoativas como ritual social. Associar necessariamente drogas à criminalidade e à doença é um fenômeno moderno, e precisamos ter cautela nessa associação, pois ela pode comprometer a nossa atenção às pessoas que sofrem com o uso de drogas.

Junto do discurso da enfermidade, comumente, vem alocada uma noção de impotência do enfermo, o qual dependeria unicamente da ajuda de outrem. A impotência perante a situação obstrui a construção conjunta de alternativas de vida durante o tratamento. Para podermos pensar o cuidado com pessoas que têm problemas com drogas, se faz necessário olhar para cada situação dentro de uma rede implicada de possibilidades e de acontecimentos. Estar saudável não é necessariamente sinônimo de não usar drogas.

Na perspectiva de não fazer dos usos de drogas algo alheio aos nossos costumes podemos pensar neles como relações passionais, relações amorosas. Nós inventamos diversos modos de nos ligarmos passionalmente ao outro. Às vezes, preferimos um "ficar" eventual, outras, ficar habitualmente com o nosso parceiro ou parceira, ou ainda, um ficar mais constante. Da mesma forma, há vários modos de nos ligarmos às drogas.

A experimentação eventual é um início de exploração que pode durar uma vida inteira. De modo semelhante a quem prefere relacionar-se eventualmente com a mesma pessoa durante anos. O hábito nas relações é, por outro lado, um tipo de relação comumente encontrada no amor e em quem consome drogas. Hábito para momentos ou circunstâncias específicas de lazer, trabalho, ansiedade, solidão.

Podemos "ficar" habitualmente com alguém em festas, assim como consumir drogas para aproveitar a balada. Preferimos sair com alguém nos momentos de solidão, do mesmo modo que podemos escolher usar alguma substância que nos faça companhia. Outras vezes, gostamos de sair rapidamente com alguém em situações de trabalho ou de lazer. De forma semelhante, podemos nos habituar a usar alguma substância para enfrentar uma árdua jornada ou para nos divertirmos. Compartilhamos com alguém um casamento, assim como podemos casar com alguma droga.

Amor e consumo não são equivalentes. São relações. Relações amorosas, relações de consumo. Por vezes, o amor torna-se relação de consumo. O inverso é também verdadeiro.

Uma paixão ou um amor se cura com outro, diz a sabedoria popular. Raramente sugerimos a alguém que sofre um "mal de amor" que restrinja suas relações. Ao contrário, apresentamos-lhe novas pessoas, o convidamos para eventos. Tentamos abrir alternativas. Por isso, não é interessante depender de uma única metodologia de cuidado e tratamento, pois cada situação de uso de drogas demandará uma estratégia singular de atenção.

Na direção de implementar e discutir essas ideias nos diferentes serviços que trabalham e cuidam de pessoas que usam drogas – nem sempre com um uso problemático – apresentamos um projeto de formação que vem sendo desenvolvido na UFRGS com apoio financeiro da Senad (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas).

No campo da educação para o trabalho com usuários de drogas estamos no esforço de tecer uma rede que ofereça diversidade de ferramentas

e de olhares para o cuidado dessas pessoas. Mais especificamente para aquelas que cuidam dos que apresentam problemas com seus usos.

A Rede Multicêntrica é um coletivo de educação permanente na área do trabalho com usuários de drogas. Estamos desenvolvendo quatro modalidades de cursos dirigidos a trabalhadores da Saúde Pública e da Assistência Social de Porto Alegre e da região metropolitana. O público-alvo dos cursos em andamento até novembro deste ano é composto por trabalhadores de hospitais gerais, médicos da atenção básica, educadores, trabalhadores sociais e redutores de danos, técnicos do SUS e do SUAS (Sistema Único de Assistência Social).

Um conjunto de parcerias compõe a Rede Multicêntrica. Com a coordenação geral da UFRGS são parceiros na gestão desse projeto: a Secretaria Estadual de Saúde (SES)/Escola de Saúde Pública do RS, o Grupo Hospitalar Conceição (GHC) e a Fundação Hospitalar de Sapucaia do Sul.

A Rede Multicêntrica busca ampliar essas parcerias para o trabalho com as políticas públicas e o cuidado a pessoas que usam drogas. Realizamos uma reunião bimensal aberta para qualquer pessoa ou instituição que queira se agregar à Rede. O contato deve ser realizado pelo e-mail redemulti@ufrgs.br. Mais detalhes podem ser consultados no site: <http://redemulticentrica.wordpress.com>.

Sandra Djamboladjian Torossian
Coordenadora da Rede Multicêntrica e professora do Instituto de Psicologia-UFRGS

Pedro Augusto Papini
Psicólogo da secretaria geral da Rede Multicêntrica-UFRGS



Rui Oppermann e Carlos Alexandre Netto receberam os cumprimentos dos apoiadores pela votação que lhes garantiu a recondução à reitoria da UFRGS

Universidade

Consulta dá vitória à Chapa 2

A Comissão de Consulta divulgou os resultados oficiais do processo de consulta à comunidade com vistas à nomeação do reitor e do vice-reitor para a gestão 2012-2016.

A Chapa 2 – *A Universidade que Fazemos Juntos*, encabeçada pelos professores Carlos Alexandre Netto e Rui Oppermann, foi vitoriosa nos três segmentos. Entre os docentes, obteve 1.360 votos de um total de 2.050 votantes efetivos. No segmento dos técnicos-administrativos, a Chapa 2 teve 780 votos de um universo de 1.693 votantes que compareceram às urnas. Já no grupo dos estudantes, foram 2.806 votos de um total de 5.529 votantes.

A Chapa 1 – *RenovAção*, liderada pelos professores Jairton Dupont e Maria Ceci Araujo Mizocsky, obteve 582 votos entre a categoria dos docentes, 431 junto aos técnicos-administrativos e 1.866 no segmento dos estudantes. Ainda segundo dados do relatório oficial, a apuração final contabilizou um total de 132 votos em branco e 1.315 votos nulos.

Conforme dados do relatório enviado ao Conselho Universitário (Consun), compareceram às 50 seções eleitorais dispostas nos câmpus da Universidade 75,75% dos docentes, 65,95% dos técnico-administrativos e 16,99% dos alunos. Para o presidente

da Comissão de Consulta, professor Celso Loureiro Chaves, “tudo transcorreu dentro do que se espera desse tipo de consulta, que afinal de contas é um processo eleitoral. Essa foi a segunda ocasião em que tive a chance de presidir a Comissão de Consulta e acho que tínhamos muitas lições aprendidas desde o pleito de 2008. A partir da decisão do Consun que normatizou o assento eleitoral, conseguimos definir todas as diretrizes e aparar o máximo possível das arestas antes de tudo começar”.

O professor destaca que as diretrizes definidas antes do início do processo de consulta procuraram valorizar quem fosse às urnas.

Em reunião agendada para o dia 6 deste mês, o Consun deve elaborar a lista tríplice que será encaminhada ao MEC e, depois, à Presidência da República.

Celso esclarece que, nesse encontro, o Conselho Universitário já deverá ter definido o terceiro nome que irá compor a lista enviada ao Ministério. “Por isso, o terceiro nome já estará integrando a lista a ser apreciada naquela data. E esse nome poderá ser o decano de um dos conselhos superiores da universidade ou mesmo um dos integrantes do Consun”, observa. A posse da nova gestão está marcada para o mês de setembro.

E-book

Dicionário ganha versão eletrônica

A editora Zouk está lançando o e-book do *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*, organizado pelos professores Antonio David Cattani e Lorena Holzmann. Produção relativamente rara no campo das Ciências Sociais, a obra, cuja primeira edição chegou ao mercado em 2006 pela Editora da UFRGS, ganhou uma nova edição revista e ampliada com o selo da Editora Zouk, no final de 2011.

Com mais de 50 autores e 107 verbetes sobre as múltiplas dimensões do mundo do trabalho contemporâneo, o dicionário é uma obra de referência para aqueles que procuram entender um campo em permanente mutação e que afeta indivíduos, empresas, governos e instituições, trazendo um amplo espectro das problemáticas do trabalho e de suas conexões com a tecnologia.

Os organizadores, docentes de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade, destacam que a obra traz uma elaboração mais avançada em cada verbete. “Nosso dicionário lança um desafio ao leitor. Ele é um convite à reflexão, à busca de mais conhecimento”, explica Antonio Cattani. Para adquirir a obra, ao custo de R\$ 38, basta acessar o endereço <http://www.editorazouk.com.br/catalogo-1/ebooks/>

Intervenção efêmera

Alunos de Arquitetura criam espaço de convívio

Quem circula pelo Câmpus Centro ingressando pelo acesso de pedestres da Rua Sarmento Leite deve ter notado uma estrutura de madeira instalada sobre o que já foi uma área gramada junto ao prédio da Faculdade de Arquitetura. O novo espaço de convívio, cujas paredes são preenchidas por cordas, possui um banco suspenso em bambu e tem servido de ponto de encontro de estudantes. O projeto, batizado de Intervenção Efêmera, nasceu da iniciativa de um grupo de alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo durante a semana acadêmica realizada em maio.

Ricardo Curti, aluno do segundo semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo, e Ana Maria Pretto, aluna do terceiro semestre do mesmo curso (foto), contam que a ideia de construir a estrutura surgiu durante as discussões do plano pedagógico. “A vontade dos alunos é de experimentar, algo que a atual grade curricular do curso não proporciona. E experimentar no sentido de colocar a mão na massa mesmo, não só fazer maquete, estudar concreto ou madeira na teoria, mas aplicar, ver como um projeto arquitetônico é na prática”, conta Ricardo. Ele diz que, no início, os estudantes procuraram seis professores para ajudá-los, “mas ninguém respondeu aos nossos

e-mails”, lamenta. Ana Maria acrescenta que a proposta também pretendia atrair gente, “porque poucos participam da semana acadêmica”. A ideia deu tão certo que a construção da estrutura chegou a reunir 30 pessoas em alguns momentos.

Segundo o estudante, a Prefeitura Universitária do Câmpus Centro autorizou a permanência da intervenção até o início do Salão da UFRGS, em outubro. “Mas, como os materiais não

são de alta qualidade, talvez ela nem resista até lá”, brinca.

A estrutura foi construída em eucalipto com um piso em osb (painel estrutural composto por fibras de madeira entrelaçadas, unidas com resina melamínica aplicada sob alta temperatura e pressão e comumente utilizado como tapume na construção civil). Enquanto resistir, o espaço seguirá sendo aproveitado pelos frequentadores do Câmpus Centro.



Conhecendo a UFRGS

Transformações em uníssono

“Sem música, a vida seria um erro”. A frase é de Nietzsche, mas poderia ser de qualquer um dos alunos da primeira turma de formandos do PROLICENMUS, o Curso de Licenciatura em Música EAD promovido pela UFRGS. O projeto, pioneiro no Brasil, provou que é possível construir conhecimentos tão subjetivos quanto os relacionados à música em um formato de ensino a distância. Mais do que transformar conceitos, o curso modificou profundamente a vida de comunidades inteiras.

Em cada uma das 11 cidades polo do projeto, os relatos dos alunos e futuros professores eram de transformação. “Antes, eu era uma professora de quadro e giz”, confessa Sheila Wolfart, uma das 189 pessoas que se formaram no último dia 25 de maio numa cerimônia que lotou o Salão de Atos. “Hoje, depois das aulas, percebi que a música não é algo quadrado. Ela tem que te trazer satisfação”, completa. Fernando Gonçalves, aluno do Espírito Santo, relata que a ideia de se tornar professor de música gerou desconflança entre os amigos. “Você é tão inteligente, podia fazer tanta coisa... vai trabalhar com música? Eles me perguntavam”, relembra. “Não existe nada no mundo sem música”, respondia o capixaba.

Mais do que crescimento individual, a grande marca da primeira edição do PROLICENMUS fica nas cidades participantes. Há cinco anos, antes de se tornar um dos polos do curso, a pequena Cristópolis, na Bahia, sequer possuía rede telefônica. Acesso à internet, então, parecia algo distante, de outro mundo. Percebendo a importância do projeto, a secretaria de educação da cidade – mesmo sem dispor dos recursos mínimos para a realização do curso – procurou a professora Helena de Souza Nunes, coordenadora do PROLICENMUS. A prefeitura prometeu que, até o início das aulas, reuniria todas as condições necessárias para que Cristópolis fosse uma das cidades polo. Promessa cumprida, o Curso de Licenciatura em Música possuía uma nova e improvável sede no sertão baiano. “Essas transformações foram um dos resultados mais significativos que alcançamos”, relata Helena.

Sheila, Fernando, a cidade de Cristópolis e todas as pessoas e localidades envolvidas comprovam: Nietzsche estava correto. Os novos professores de música que a UFRGS formou já estão contribuindo para o desenvolvimento de seus alunos e de suas comunidades. Sem música, de fato, a vida seria um erro.

*Marcelo Oliveira, estudante do 3.º semestre de Jornalismo na Fabico

Assista ao programa

Conhecendo a UFRGS - PROLICENMUS vai ao ar no dia 17 de julho, às 20h (com reprise às 23h), pela UNIVTV, no canal 15 da NET POA.



Entre incertezas e expectativas

Enrique Serra Padrós*

A nomeação da Comissão da Verdade é mais um passo para o esclarecimento de fatos ainda nebulosos do passado recente brasileiro, bem como da instrumentalização do Estado por parte daqueles que implementaram longa ditadura. Tal iniciativa responde a uma das demandas históricas de organizações de direitos humanos, familiares de mortos e desaparecidos, ex-presos políticos e sobreviventes da repressão estatal. Demandas essas sistematicamente ignoradas por governos democráticos, caracterizados pela produção de *políticas de esquecimento* em detrimento de *políticas de memória*. Por isso, a desconfiança de setores da sociedade civil em relação à Comissão, sua composição e seus objetivos é compreensível; corresponde a décadas de desinteresse, omissão ou mentiras repetidas pelo Poder Público.

Se por um lado, é possível concordar com a crítica de que a instalação da Comissão visa atenuar as exigências da Cor-

te Interamericana de Direitos Humanos (“fazemos o que é possível”), também é necessário reconhecer que o governo Dilma Rousseff tem sido muito mais consequente quanto a definir uma diretriz governamental sobre esses temas, do que as gestões anteriores, incluindo o governo Lula (apesar das iniciativas do Ministério da Justiça e da Secretaria de Direitos Humanos). Mesmo assim, as contradições e limitações nas ações do atual governo são perceptíveis e estão associadas a fatores como governabilidade, política de alianças, estratégia eleitoral, pressão militar e voluntarismo político.

De qualquer forma, mesmo sendo realista e crítico diante do sistema político e das suas mazelas, não há porque duvidar que por detrás da convocação da Comissão existam intenções honestas, consequentes e preocupadas com a persistência de feridas ainda abertas, tantas décadas depois. Igualmente, o questionamento legítimo sobre a presença de certos conselheiros não deve impedir um voto de confiança, apesar

das manifestações desencontradas e de sinal oposto, ventiladas publicamente por alguns deles.

O fundamental é que todos os setores que sempre exigiram reconhecimento dos protagonismos apagados daquele passado traumático persistam nessa atitude, multiplicando comissões de apoio, desencadeando ações que se contraponham aos atos de desmemória promovidos pelos bolsões antidemocráticos ainda existentes – que, pela primeira vez, mostram uma preocupação que vai além da retórica negacionista que sempre os caracterizou.

A qualidade da atuação da Comissão da Verdade dependerá, também, da pressão que a sociedade civil exercerá democraticamente sobre ela. E se parece muito tímida nos seus objetivos (mutilada que está, no seu horizonte de expectativas, pela ausência da possibilidade de atuação da Justiça), vale a pena lembrar as palavras de Estela de Carlotto, integrante da associação *Abuelas de Plaza de Mayo*, proferidas em março de 2011 (na UFR-

GS), a respeito de uma Comissão que ainda não passava de mera especulação: “No Brasil estão muito ansiosos por esta Comissão da Verdade. Porém, é um começo muito promissor, *porque irão encontrar coisas que nem se imaginam*”.

Encerro com uma constatação – produto de muitos anos de docência formal e informal e de contato com públicos muito variados –, corroborada por dezenas de colegas que lecionam na rede de ensino básico e médio de todo o país. Diferentemente do que sempre afirmaram os cultores do *esquecimento induzido e organizado*, a sociedade brasileira – particularmente a juventude –, não é desinteressada, descomprometida, omissa ou alienada diante do passado imediato. Bem pelo contrário, quando ela se apropria de informação, de forma criteriosa e reflexiva, sua sede por mais conhecimento se intensifica. Muitas vezes, a aquisição de consciência sobre o terrorismo de Estado e seus crimes imprescritíveis e de lesa humanidade, pode ser mensurada pela palavra *indig-*

nação. A legítima indignação que motiva *escraches* e denúncias de impunidade. A indignação de gerações que foram alvo de políticas de desconexão histórica, tanto a geração que teve seu protagonismo interdito, apagado ou deturpado pela “história e pelo silêncio oficial”, quanto as mais novas, atingidas no seu processo de formação social, cultural e político pela não incorporação daquela experiência social concreta e pelas sequelas do apagamento produzido.

Sabemos como começa a Comissão da Verdade. Porém, apesar das suas limitações, contradições e concessões não podemos ignorar seu significado, pois abre um horizonte de possibilidades marcado por certa imprevisibilidade e imponderabilidade. Tal cenário é inédito na experiência brasileira de encarar o seu passado ditatorial; por isso mesmo, não pode ser menosprezado.

* Professor do Departamento de História - IFCH-UFRGS

Para que(m) serve a Comissão Nacional da Verdade?

Carlos Artur Gallo*

Passado mais de um quarto de século desde que o último ditador-presidente brasileiro saiu de cena, acontecimento que marcou o fim da ditadura civil-militar instalada no Brasil em 1964, assiste-se, na atualidade, ao início dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Para que e para quem serve ou deve servir uma Comissão como esta? Que resultados se pode esperar dos trabalhos da CNV? A presente exposição trata, de forma breve, desses questionamentos.

Para começar, é importante destacar que, embora tendam a parecer “novidade” em meio ao crescente processo de difusão de memórias da repressão a que se assiste no Brasil, as Comissões da Verdade, de fato, não são algo propriamente inovador. Nesse sentido e, limitando-se

à referência a outros países do Cone Sul que vivenciaram experiências autoritárias vinculadas à aplicação da Doutrina de Segurança Nacional no auge da Guerra Fria, encontra-se o trabalho das Comissões da Verdade na Argentina, no Chile e no Uruguai.

No que se relaciona aos objetivos de organismos como os referidos, é possível identificar que Comissões da Verdade (a CNV brasileira não será uma exceção) visam, num primeiro momento, analisar o conjunto das violações aos direitos humanos que foram perpetradas em nome da segurança nacional. Reconhecendo-se e elucidando as circunstâncias dessas violações, caberá à CNV elaborar um relatório final dos seus trabalhos, para que, após terem examinado os crimes ocorridos, seja possível, de uma vez por todas, completar a história oficial do país, que restou adulterada ou obscurecida

devido à ação/omissão de integrantes dos setores vinculados ao Golpe.

A CNV serve, por essa razão, para satisfazer não só as demandas conectadas diretamente às vítimas da repressão (dentre estas, os familiares de mortos e desaparecidos e os ex-presos políticos), mas também, e em última análise, para satisfazer a uma necessidade coletiva que, via de regra, é relegada a um segundo plano do debate: o direito que todos os cidadãos têm de conhecer a história do seu país, por mais dura que tenha sido.

No que tange às possibilidades reais de se restabelecer a verdade histórica do que ocorreu no período ditatorial, contudo, há que se fazerem algumas pequenas ponderações, sem levarem-se em conta, nesse apanhado, críticas produzidas por representantes de setores comprometidos com a deslegitimação do resgate da memória da repressão (como é o caso de

alguns Clubes Militares).

Dito isso, ocorre que, além de ter sua atuação atrelada/limitada à interpretação da anistia recíproca, considerada equivocada pelo direito internacional e pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, e, conseqüentemente, não visar à realização da Justiça, a CNV brasileira tem pelos menos outros três fatores limitadores, conforme apontado por membros de diversas organizações vinculadas à causa dos direitos humanos no Brasil. Tais fatores são: o fato de a Lei que cria a CNV estender o lapso temporal a ser investigado para o período compreendido entre 1946 e 1988, ou seja, um período que, embora abranja os 21 anos da ditadura, é extenso demais; o prazo de funcionamento da Comissão, que terá dois anos para investigar situações ocorridas em um país do tamanho do Brasil; o número reduzido de integrantes

da CNV, composta por sete membros.

Apesar das ponderações e por mais limitadas que sejam as perspectivas ao se observarem as críticas que têm sido direcionadas à recém-criada CNV, é oportuno reconhecer que o primeiro passo rumo à elucidação de situações traumáticas ocorridas há décadas foi dado. Quando o trabalho da Comissão for finalizado, talvez se verifique, de fato, que a qualidade da verdade por ela produzida foi realmente limitada. Isso não significará, contudo, que as possibilidades de recomposição do passado e, sobretudo, de realização de justiça, estarão bloqueadas indefinidamente. Afinal, é como ensinam os próprios familiares de mortos e desaparecidos: “A única luta que se perde é a que se abandona”.

* Doutorando em Ciência Política na UFRGS (galloadv@gmail.com)

Encurtando distâncias

Tendência *Ao facilitar o acesso à educação de estudantes mais velhos, EaD experimenta rápida expansão*

Izabel Rosani Arbo mora em Três Passos e trabalha no município vizinho, Bom Progresso, no interior gaúcho. Acostumada à estrada, todos os dias ela percorre os 15 km que separam as duas cidades. No ano passado, formou-se no Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder), oferecido pela UFRGS na modalidade de Ensino a Distância (EaD). Estando a quase 500 km de Porto Alegre, a conquista do diploma seria apenas um sonho distante, caso o curso fosse ministrado presencialmente.

A história de Izabel é parecida com a de milhares de brasileiros que moram longe dos centros urbanos, onde está concentrada a maior parte da oferta de cursos de graduação do país. Migrar para cidades maiores era a única solução para quem quisesse estudar em uma instituição de ensino superior, tornando o acesso ao conhecimento um privilégio de poucos. Além disso, muitos dos que saíam de seus municípios não retornavam. Com a expansão do ensino a distância, essa realidade está mudando.

Crescimento acelerado – O ensino a distância (EaD) não é novidade no Brasil. Em 1939 foi inaugurado o Instituto Monitor, primeira empresa a oferecer cursos profissionalizantes nesta modalidade no país. Seguindo a mesma linha, o Instituto Universal Brasileiro, famoso por seus cursos por correspondência de Corte e Costura e de Eletrônica já atendeu a mais de 4 milhões de pessoas desde a sua criação, em 1941. E quem nunca ouviu falar no Telecurso 2000, que, por meio de programas de televisão e apostilas impressas, ensina matérias do ensino fundamental e médio? Apesar de existirem há muito, só em 1998 o governo federal regulamentou os cursos de EaD, e as primeiras graduações nesta modalidade surgiram apenas no ano seguinte.

Se o início da graduação a distância demorou a acontecer, quando se trata da sua expansão, o que chama atenção é a rapidez. Segundo dados do Censo da Educação Superior 2010, divulgado em novembro passado, o número de alunos de graduação em EaD passou de 1,6 mil em 2000 para 930 mil em 2010 – o que corresponde a 14,6% do total de matrículas no ensino superior. Crescimento espantoso para um intervalo de apenas dez anos, principalmente se considerarmos que a modalidade presencial tem um crescimento anual de 1% em média.

A cara do EaD – A fim de entender melhor essa expansão, foram feitas algumas pesquisas para saber quem são os alunos dessa modalidade de ensino. Os resultados mostram que eles têm um perfil bastante diferente do que costuma ser encontrado nas salas de aula. São estudantes mais velhos (em média, com idade acima dos 30 anos), com dois filhos ou mais, predominando as mulheres, sendo que a grande maioria trabalha e contribui para o sustento da família. Este é o caso de Izabel.

Com 51 anos de idade, casada e mãe de dois filhos, ela trabalha desde 1985 como extensionista rural de nível médio da Emater. Como os filhos estudavam em universidades particulares, não sobravam recursos para levar adiante sua formação. Essa situação mudou quando surgiu a oportunidade de cursar o Plageder. Gratuito, a distância e direcionado para a área com a qual ela já trabalhava, o curso se encaixou perfeitamente nas necessidades de Izabel – o que não significa que a trajetória tenha sido fácil. Conciliar os horários de estudo com o emprego exigiu muito

esforço: “Fiz meus horários e muitos foram na madrugada. Acordava às 4h30 da manhã, estudava até as 7h, tomava café e ia para o trabalho, mas valeu a pena”, conta.

O perfil de alunos em EaD é determinado por fatores socioeconômicos, ajustando-se ao cotidiano de quem já tem seu dia ocupado por outras atividades. Entretanto, o fato de serem pessoas mais velhas, acostumadas a lidar com uma carga maior de responsabilidades, é um ponto fundamental para o sucesso nessa modalidade. Para o professor Sérgio Roberto Franco, secretário de Educação a Distância da UFRGS, “eles são mais maduros para fazer as coisas independentemente de haver a cobrança do professor. Normalmente, são alunos que já têm uma rotina, então conseguem se responsabilizar pelas tarefas que precisam fazer”.

Apesar de não contar com a cobrança direta do professor, engana-se quem pensa que os cursos a distância são mais fáceis. O paulista Yuri Sucupira, aluno do curso a distância de Licenciatura em Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), espantou-se com o nível de exigência do curso. Com a experiência de quem já cursou na modalidade presencial três anos de Engenharia da Computação na Universidade Federal do Espírito Santo, um ano de Tecnologia de Projetos Mecânicos na Faculdade de Tecnologia de São Paulo, e quatro anos de Matemática no Instituto Seminário Paulopolitano de São Paulo, ele conta que “acreditava que o curso seria mais tranquilo, devido à maior disponibilidade que resulta do fato de não necessitar gastar tempo com o deslocamento, mas a EaD na PUCSP tem-se mostrado bastante trabalhosa”.

O professor Franco considera o bom gerenciamento do horário de estudos um ponto crucial: “Às vezes, se pensa que o ensino é só dar aula, mas tem também o período de estudo que é necessário para aprender”. No ensino presencial, o “tempo de estudar” encontra-se separado do “tempo da aula”, e a aula tem um papel mais destacado nesse processo. Já no ensino a distância, esses dois “tempos” se misturam – conta como aula e estudo o período que o aluno gasta lendo um material, vendo algum vídeo, participando de um chat, etc. Ao se libertar dos conceitos limitadores do ensino tradicional, o aluno consegue, então, aproveitar melhor esses momentos.

O aproveitamento do tempo, aliás, é crucial para quem precisa conciliar estudo e trabalho. Segundo Yuri, por requerer bastante leitura e disciplina, já que o volume de atividades é grande, é recomendável a dedicação de algumas horas ininterruptas de estudo diariamente. Izabel conta que tinha como rotina estudar no horário do intervalo do almoço, um pouco mais à noite e, especialmente, aos sábados, que eram destinados a leitura, trabalhos de campo etc., mas também reservava tempo para o lazer: não estudava no domingo. “Esse era meu dia de folga, senão era de enlouquecer”, brinca.

Tanta dedicação valeu muito. Formada, mas sem poder ascender na carreira por concurso interno, Izabel resolveu “se aventurar” num concurso externo, com muito mais concorrentes, no qual conquistou o segundo lugar. Orgulhosa, ela afirma que, melhor do que ver seu nome na lista de classificados, foi ver que ele estava cercado dos de outros colegas seus. “Com garra, comprovamos que o curso valeu a pena”, comemora.

Bibiana Guaraldi, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco



Virtual x presencial

Apesar do crescimento, a modalidade ainda é vista com desconfiança por alguns. Para o professor Sérgio Franco, os argumentos contrários ao EaD são baseados em “premissas preconceituosas, fruto de desinformação”. Segundo ele, a experiência mostra que a qualidade dos egressos de cursos a distância tende a ser tão boa quanto a dos de cursos presenciais, e o segredo para acabar com o preconceito é construir programas de qualidade: “Se o curso a distância for tão bom quanto o presencial, não há qualquer motivo para receio”.

Em 2009, o Ministério da Educação (MEC) publicou as notas do Enade, separando em categorias diferentes os universitários de cursos presenciais e a distância. Ao comparar o desempenho das duas modalidades, constatou-se que os alunos de EaD obtiveram, em média, 6,7 pontos a mais no exame em cursos como Administração,

Matemática, Pedagogia e Serviço Social. Resultados como esse ajudam a apagar a imagem de que os cursos a distância formam profissionais menos competentes do que os demais. Entretanto, o secretário de Educação a Distância da UFRGS desaconselha análises baseadas nesses dados. Para ele, o ideal é que todos os cursos tenham a mesma qualidade, mantendo suas diferenças metodológicas. O docente ressalta ainda que o objetivo do Enade não é fazer comparações entre os estudantes, mas regular a qualidade das instituições de ensino.

Em relação ao ensino presencial, o professor Lovois de Andrade Miguel, do Núcleo de Educação a Distância da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS e também coordenador do Plageder, considera que a exigência maior do EaD traz benefícios: “O aluno precisa ser muito disciplinado e eficiente em suas atividades de aprendizagem. Por isso, o EaD formata um profissional

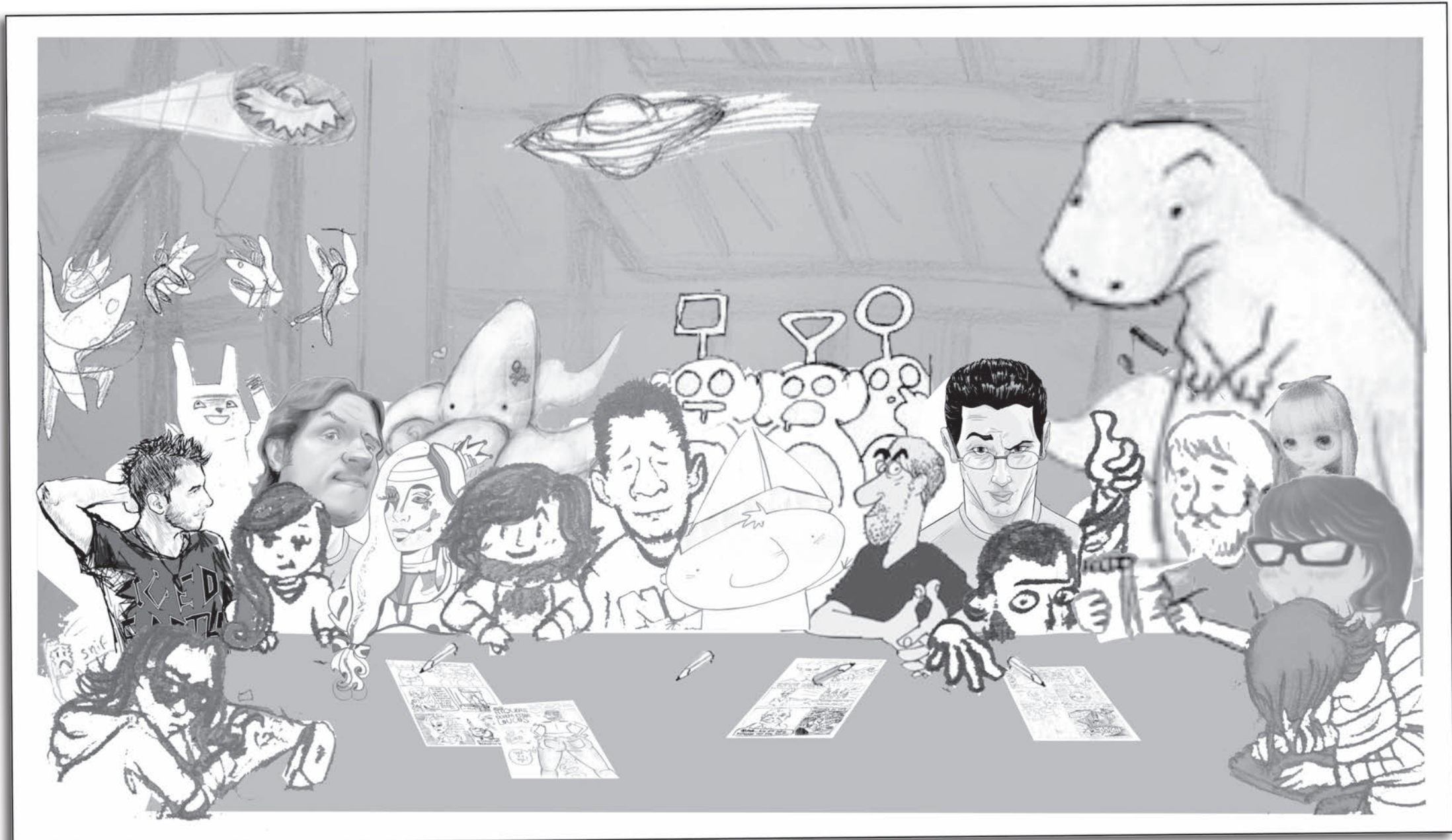
com capacidade para dominar os conteúdos de maneira mais eficaz do que os demais”. Sérgio acrescenta que “os alunos a distância fazem mais provas do que os de cursos presenciais, então sabem lidar melhor com esse tipo de cobrança”.

Para Lovois, o ensino presencial é mais livre, não exige tanto comprometimento. Já no caso do Plageder, “os alunos não podem ser reprovados em nenhuma disciplina. Então, têm que, ao longo de todo o curso, encarar com seriedade. Esse nível de exigência forma profissionais bastante seguros e sérios”. Exemplos de sucesso não faltam. No último concurso da Emater (o mesmo em que Izabel foi aprovada), 61,2% dos classificados para o cargo de extensionista rural de nível superior – bacharel ou tecnólogo em desenvolvimento rural – foram alunos do Plageder. Além disso, as cinco primeiras posições do mesmo concurso foram ocupadas por egressos do curso.

Diálogo inevitável na sala de aula

Para os especialistas, o ideal é que as duas modalidades dialoguem entre si, e, em uma época em que os avanços tecnológicos invadem as salas de aula, o diálogo é inevitável – “quando se insere tecnologia digital no ensino, se insere estratégias de ensino a distância”, afirma Sérgio Franco, secretário de Educação a Distância da UFRGS. Atesta essa tendência à hibridização a portaria de 2004 do MEC que autoriza que 20% dos conteúdos de cursos presenciais possam ser oferecidos em EaD, o que é considerado extremamente vantajoso pelo professor: “Os cursos

que usam disciplinas a distância têm mais uma alternativa de ensino”. A geração de estudantes que está ingressando nas universidades atualmente já nasceu na era digital e encara com naturalidade o uso de ferramentas eletrônicas como estratégia de ensino. Para tirar proveito das novas tecnologias, não precisa ser, necessariamente, uma disciplina a distância, mas no futuro, segundo o secretário, “todas as disciplinas serão multimídia, nas quais teremos mais tecnologias do que só o quadro-negro e o giz. Os cursos que usam disciplinas a distância já estão nesse caminho”.



Feito pelos estudantes e para os estudantes

Mão na massa

Organizando atividades culturais, alunos preenchem lacunas e ajudam a construir uma universidade mais completa

O final da tarde de sexta-feira é o momento mais aguardado por aqueles que estão ansiosos pelo fim de semana. Quem caminha pelo pátio do Câmpus Centro nesse horário costuma andar apressadamente. Para ir em direção à última aula da semana, todos correm. Há pouco mais de três meses, os passos rápidos de quem passa pelo prédio da Faculdade de Educação têm sido embalados por um ritmo diferente, o chorinho. Isso porque um grupo de estudantes, munidos de flauta, violão sete cordas, cavaquinho, pandeiro e bandomolim tem organizado semanalmente uma roda de choro ao lado da Faced.

A roda se formou por acaso. Gustavo Meyer, doutorando em Desenvolvimento Rural, estava à procura de um espaço para praticar e aprender sobre a linguagem do choro, mas como não é flautista profissional, precisava que fosse um lugar onde não houvesse apenas experts no assunto. Um dia passou de bicicleta por Gabriel Gorski, aluno do curso de bacharelado em Música, que estava sentado ao lado da Faced tocando bandomolim. Conversaram e descobriram que buscavam o mesmo. “Eu falei que estava buscando um espaço acessível para tocar, pois só tenho um contato amador com o choro, que é um gênero

bastante complexo, regrado, demanda certa experiência até ter desenvoltura numa roda”, conta Gustavo.

Apesar da formação em música, também faltava experiência a Gabriel. Outros membros do grupo viviam a mesma situação: apesar de Guilherme Sperb, que toca violão sete cordas na roda, ser mestre em música, e Felipe Cemim, responsável pelo cavaquinho, mestrando em Música, ambos são novatos no chorinho. O gosto em comum pelo estilo musical e a falta de oportunidades para praticar também atraíram o mestrando em Antropologia Cristhiano Kolinski, que completa o grupo com seu pandeiro.

Segundo Gabriel, a maioria dos membros do grupo faz cursos ligados à música, mas no choro é todo mundo iniciante. “Então, a gente procurava esse espaço, e no fim estamos criando ele.” Não havendo na Universidade um local para aprimorar seus conhecimentos na área, a solução encontrada foi aprender por conta própria.

Alunos na direção – A falta de espaços voltados ao estudo de áreas de interesse específicas na Universidade também motivou o desenvolvimento de outros grupos organizados por estudantes, como o CineF e o Núcleo de Ilustração e Quadrinhos (NiQ). Com a proposta de retomar o cineclubismo no ambiente acadêmico, o CineF surgiu em outubro de 2008 por iniciativa de um grupo de alunos da graduação em Comunicação da UFRGS. Uma das fundadoras, a estudante de Jornalismo Anelise De Carli participa da organização do projeto até hoje, e conta que “o CineF foi criado como alternativa para a falta de disciplinas sobre cinema no currículo do curso de Comunicação”. Além disso, “havia interesse dos alunos em debater e escrever sobre cinema dentro da faculdade, criar uma programação própria, para não depender dos circuitos dos cinemas comerciais”, afirma.

As primeiras mostras do CineF foram dedicadas à história do cinema, e exibiram filmes de autores como Georges Méliès, Sergei Eisenstein, John Ford, Vittorio De Sica, Ingmar Bergman, François Truffaut, Robert Bresson e Luis Buñuel. No segundo semestre de 2009, o grupo de estudos foi oficializado pelo Núcleo de Cinema e Comunicação da Fabico, coordenado pela professora Miriam Rossini e pela jornalista Fatimalei Lunardelli, tornando-se um curso de extensão universitária. Desde então, foram realizadas três edições: uma ainda em 2009, tendo como tema Novos Cinemas; outra em 2010 sobre Cinema Asiático Contemporâneo; e Malditos - o cinema marginal dos anos 1970, que ocorre até o final deste mês.

Apesar da ligação com o Núcleo, Hudson Nogueira, um dos curadores da mostra deste semestre, afirma que “o CineF ainda é organizado pelos alunos e esperamos que continue sendo assim”. Na opinião dele, com o apoio e suporte do Núcleo a organização se torna mais fácil, mas os alunos são livres para determinar o tema das mostras e os filmes a serem exibidos. Aliás, é a participação dos estudantes que Anelise atribui a longevidade do projeto: “Acho que o CineF durou bastante tempo porque acompanhou as preferências de estudo dos estudantes. O tema de cada edição foi pensado pelos alunos. E quando a gente escolhe o que quer fazer, participa com mais vontade”.

Criação coletiva – O envolvimento também é o fator fundamental para a continuidade do NiQ, criado em 2005 por alunos do Instituto de Artes. Para o coordenador, o estudante de Artes Visuais Carlos Eduardo Galon da Silva, “foi o crescente interesse dos alunos que fez o Núcleo crescer e se consolidar no cotidiano do IA”. Pouco à vontade com o título de coordenador, ele explica que o NiQ funciona de forma “orgânica”. Inicialmente, os cargos de coordenação deveriam ser rotativos, escolhidos anualmente entre os integrantes eleitos por indicação ou votação. Seguiam um estatuto, e todas as reuniões eram registradas em ata, mas essas formalidades não combinavam com o perfil dos participantes. “Eu respondo pelo grupo, mas a coordenação é coletiva! Decidimos em reunião, debatemos por email e participa das atividades quem puder e quem quiser”, resume Galon.

A criação do Núcleo ocorreu por que “mesmo sendo considerada a nona arte”, as Histórias em Quadrinhos não têm espaço no currículo da graduação e eram vistas como uma atividade marginal, de menor valor”, conta Galon. Diferentemente do que acontece com o CineF, não há nenhuma forma de participação de docentes no NiQ, mas isso não significa que o Núcleo não seja reconhecido por eles. Segundo Galon, “hoje ele é citado pelos professores em sala de aula como exemplo de atividade alternativa paralela aos estudos”.

Nos encontros semanais do NiQ são realizadas atividades como desafios de desenho, criação de histórias coletivas, troca de revistas, materiais, técnicas e informações, além do debate de diversos assuntos – que podem servir de material para a criação de quadrinhos. Além do estudo e da produção, as reuniões servem também para planejar exposições, palestras e outras formas de divulgar as obras produzidas pelo grupo. Desde 2007, o NiQ colabora periodicamente com ilustrações para o Jornal da Universidade, além de já ter participado da Feira do Livro de Porto Alegre. Com isso, os participantes do grupo têm também a oportunidade de aprender a organizar eventos.

Conforme Carlos Eduardo, “para participar da Feira tivemos de procurar a organização, nos apresentar e conseguir espaço no evento – ministramos oficinas e palestras, montamos exposições com nossas obras e participamos de uma revista sobre HQs”. Conciliar tanta responsabilidade com os estudos não é tarefa fácil, mas para Anelise, o esforço compensa: “É muito bom pensar que o que fizemos integrou a formação acadêmica de muitas pessoas, além do maravilhoso círculo de amizades que conquistamos. Essas são as boas lembranças que ficam da UFRGS depois que saímos da universidade”.

Bibiana Guaraldi, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico

Como participar

■ As reuniões do NiQ são abertas a estudantes de todos os cursos e acontecem semanalmente, às segundas-feiras, a partir das 17h30, no Bar do IA (Rua Senhor dos Passos, 248 - 8.º andar). Para fazer parte do NiQ, basta comparecer às reuniões munido de disposição para exercitar a criatividade.

■ As sessões do CineF também ocorrem quinzenalmente às segundas-feiras, das 18h30 às 21h30, no auditório II da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2.705 - 1.º andar). A atividade é aberta ao público e estudantes da UFRGS podem aproveitá-la como horas complementares para o currículo. Confira as datas e os próximos filmes da mostra deste semestre na agenda da página 14.



Cidadania na prática

Extensão Atividades em todas as áreas aproximam a população da Universidade, com o objetivo de trocar conhecimento e promover ações capazes de transformar a realidade das comunidades

Samantha Klein

O décimo texto da série comemorativa aos 15 anos do JU aborda as principais modificações ocorridas na área da extensão da Universidade.

É recorrente o sentimento que alguns alunos têm de retribuir à sociedade o ensino gratuito que tiveram na universidade pública. Mas qual é a obrigação da instituição de ensino em levar para a comunidade um pouco do que acontece entre os muros dos câmpus? E como fazer isso de forma a aproximar as pessoas do conhecimento acadêmico de uma maneira prática, cidadã e cotidiana e ainda promover a renovação da própria universidade? É nesse sentido que as ações de extensão existem: para estabelecer uma ligação entre a academia e a comunidade.

Força-tarefa contra a violência

Um garoto com não mais que 16 anos entra em uma das salas do sexto andar do prédio da Faculdade de Educação da UFRGS e comenta: “Bah, que dor de dente! Acho que vou precisar de um tratamento de canal, está doendo”, reclama.

A coordenadora do Núcleo de Extensão em Educação, Exclusão e Violência, Magda Martins de Oliveira, responde com a atenção de uma amiga próxima: “Mas você já procurou a clínica da Universidade? Não deixa de ter cuidar, hein, garoto!”

A conversa continuou enquanto a repórter somente observava, sem autorização para citar nomes. É um cuidado especial que se tem desde que meninos infratores passaram a cumprir medidas socioeducativas na UFRGS. São adolescentes que tiveram algum problema com a lei e são encaminhados para diversas entidades a fim de, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, cumprir até seis meses de trabalho voluntário por um período de no máximo 8h semanais, sem prejuízo à rotina escolar.

A iniciativa é resultado de uma parceria entre a Prefeitura da capital e a 3.ª Vara do Juizado da Infância e da

Adolescência para inserir jovens entre 12 e 18 anos que cumprem medidas em meio aberto. Na UFRGS, desde 1997, são acolhidos jovens dos bairros Lomba do Pinheiro e Partenon, e mais de 1,3 mil já trabalharam em algum departamento da instituição em atividades administrativas e de suporte ou ainda nas bibliotecas.

Além disso, os jovens têm a oportunidade de participar de cursos de informática com ênfase prática na elaboração de vídeos, postagem na internet e utilização de ferramentas de edição. “É uma estratégia de acompanhamento, de permanecer junto deles. Os garotos conversam com as pessoas no câmpus, filmam, fazem documentários e editam as imagens. Tudo com o viés educativo-pedagógico”, resume Magda.

A partir dessa iniciativa surgiu o Programa Interdisciplinar de Práticas com Adolescentes em Conflito com a Lei, que articula ações dos campos do Direito, Educação e Serviço Social no atendimento de jovens internados em algumas das unidades da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (Fase). “O objetivo é ampliar a discussão sobre políticas públicas para que o adolescente tenha defesa, acesso à saúde e à escola. Além disso, observamos que práticas ainda utilizadas, como o isolamento e a utilização de algemas de forma desnecessária, precisam ser abolidas”, considera o aluno-bolsista do Núcleo e estudante do curso de Direito da UFRGS João Vicente Rovani.

Exercitando na água – Menos com o objetivo de esculpir corpos, mais para estender a prática de atividades físicas como uma maneira de cuidar da saúde, a Escola de Educação Física da Universidade é um dos centros que mais realiza ações de extensão para a comunidade, com cerca de trinta programas. Entre as atividades extensionistas, destacam-se as aulas de natação e hidroginástica voltadas para portadores da Síndrome de Down.

Eles podem até não nadar a largas braçadas, mas a maioria dos frequentadores é dedicada e não perde nenhuma

aula. Quem confirma é Eliane Garcia, que cuida de Andréia, de 32 anos, que participa do projeto pelo segundo ano. “Hoje ela nem conseguiu dormir à tarde como é de costume, estava ansiosa para vir à aula”, conta. Eliane também estava feliz por acompanhar uma “criança não arqueira”, conforme ela define Andréia.

Mais que cumprir um papel social, o coordenador do programa extensionista que existe desde 1998, professor Luiz Fernando Martins Kruehl, diz que a ideia do projeto é prevenir por meio do exercício o surgimento de doenças recorrentes nos portadores da Síndrome de Down, como a obesidade e a hipertensão. Outra particularidade do projeto é incentivar a independência dos alunos. “Procuramos fazer com que o participante tenha independência. Ele tem que ir sozinho para o vestiário, se vestir e escolher a roupa sem interferência”, observa o educador.

Bem-estar para servidores – A professora de Enfermagem Vera Portella começou a se perguntar por que os trabalhadores sentem dores no corpo e

foi atrás da resposta. A fim de delimitar o trabalho, resolveu que a ação poderia ser direcionada aos servidores da própria UFRGS. Por isso, montou um curso de capacitação com seis semanas de duração que abordou desde o sistema

a incorporação das medidas por cerca de 60% dos 78 participantes do curso.

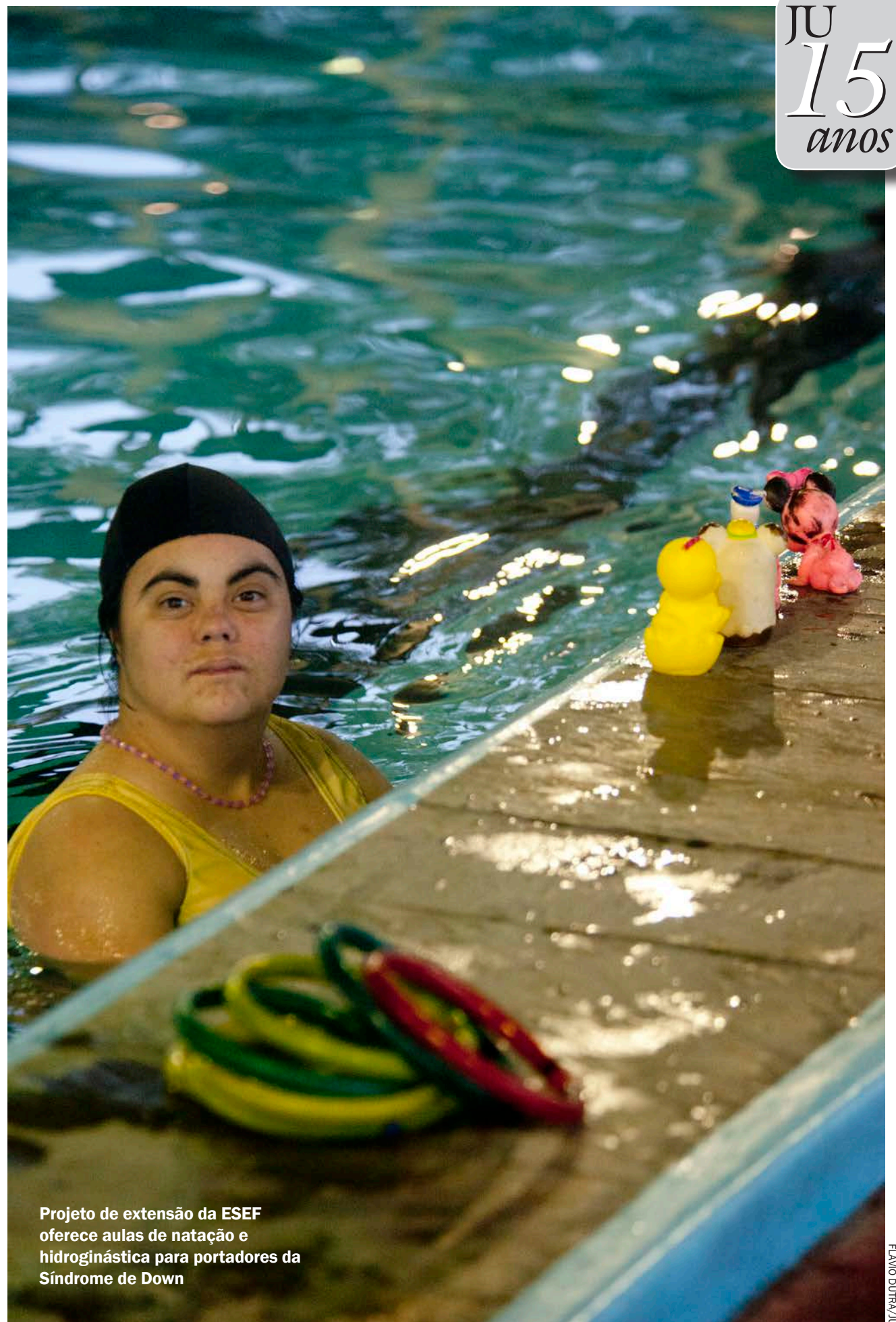
O trabalho se tornou tese de doutorado com conclusões aparentemente distintas do que se poderia imaginar, já que sempre se recorre à questão da ergonomia de mesas, cadeiras e excesso do uso do computador como justificativa para o agravamento da ocorrência de dores musculares. Segundo Vera, a real causa da dor é a preocupação. “São causas como a pressão no trabalho ou a preocupação com os filhos. Em razão desse fator, as pessoas se sentam mal, deixam de cuidar da postura e têm dores constantes”, resume.

Servidor há oito anos na biblioteca da Faculdade de Educação, Rubem Andrade Neckel Filho sentiu no pescoço os efeitos da participação no projeto. “Eu tinha dor na cervical todos os dias e acho que os motivos principais eram minha postura e a tensão. Depois do curso e dos fóruns de discussão com outros colegas que também têm muita dor, consegui controlar o problema e raramente preciso tomar algum relaxante muscular”, comemora.

A ESEF mantém mais de 30 programas voltados à comunidade

muscular até a prevenção da dor por meio de exercícios que podem ser realizados no ambiente profissional. “Parti de uma metodologia que não diz o que as pessoas devem fazer ou deixar de fazer, mas sim mostra o que é o melhor, o que causa a dor e o que pode determinar a melhoria”, comenta Vera, que comemora

JU
15
anos



Projeto de extensão da ESEF oferece aulas de natação e hidroginástica para portadores da Síndrome de Down

FLAVIO DURAN/JU

Extensão na maré certa

Por meio de um decreto-lei de mais de 80 anos atrás, a extensão começou a fazer parte das universidades brasileiras. Porém, é possível dizer que, durante muito tempo, as ações extensionistas eram inexpressivas assim como a pesquisa.

No caso da UFRGS, tal panorama começou a ser modificado com as alterações no estatuto interno em 1996, que criou as câmaras de Extensão e de Pesquisa, além de comissões em cada unidade com o objetivo de gerir e regulamentar as atividades.

Mas o impulso para a valorização da atividade extensionista aconteceu realmente em 2005 com a regulamentação da prestação de serviços.

“Assim, mais departamentos começaram a se interessar. Mudou a mentalidade também, pois, até então, extensão era vista como coisa de pobre, de atuação somente nas vilas. As pessoas perceberam que os mais abastados podem se valer do conhecimento da Universidade no shopping ou através das ações em saúde, por exemplo. Por outro lado, os alunos se deram conta de que

participar desse tipo de atividade enriquece o currículo e resulta em créditos complementares”, considera a professora da Escola de Enfermagem Vera Portella, integrante da Câmara de Extensão.

Outro fator fundamental para o desenvolvimento da extensão nas universidades foi a ideia de modernizar o ensino em sintonia com as comunidades, ou seja, sair dos muros da academia para procurar o que o mercado e as pessoas estão produzindo de conhecimento, apropriando-se dessas experiências. “Somente indo lá fora para saber o que as pessoas querem e desejam aprender é que a universidade se renova, porque não basta querer ensinar as pessoas, precisamos aprender com elas”, resume Vera.

De acordo com a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus, o objetivo é aumentar a atuação extensionista e contemplar mais projetos e bolsas: “Nossa expectativa é de avanço e qualificação das ações. Pre vemos ampliar o número de parceiros e incrementar o debate sobre a inserção de pelo menos 10% dos créditos curriculares como propõe o Plano Nacional de Educação”.

Especial

Eram quase nove horas da noite e Renato, de sete anos, brincava junto à primeira fileira de poltronas em meio à penumbra do Salão de Atos. No palco, seus pais ensaiavam para a atividade de logo mais, quando participariam do Concerto Interativo, juntamente com seus 187 colegas do Curso de Licenciatura em Música a Distância. No dia seguinte, 25 de maio, subiriam ao palco para a colação de grau, após mais de três mil horas de intenso estudo, apostando numa modalidade inovadora de ensino para conquistar não só o diploma, mas a competência de professores de música formados pela UFRGS.

Renato comenta que nunca tinha viajado de avião, a primeira vez foi agora, para acompanhar os pais, que vieram do Espírito Santo, onde dão aula na cidadezinha de São Mateus, a 2.310 km de Porto Alegre. Ele conta que também sabe tocar violão e bateria, assim como o pai. Profissionalmente, entretanto, não vai querer ser professor de música porque “ganha pouco” e confessa já ter pensado em ser bombeiro e cientista, mas agora está indeciso quanto ao que vai ser quando crescer. Enquanto conversa, não descola o olhar do palco e balança afirmativamente com a cabeça quando perguntado se gosta de ser filho de músicos.

O orgulho do menino é o mesmo dos familiares dos demais formandos que viajaram de distantes estados brasileiros, como Rondônia e Bahia. No total, o curso foi oferecido em 11 polos nas cidades de Cristópolis, Irecê, Salvador e São Félix, na Bahia; Linhares, no Espírito Santo; Ariquemes e Porto Velho, em Rondônia; Canoinhas, Itaiópolis e São Bento do Sul, em Santa Catarina; e Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul.

De um total de 800 ingressantes no curso em 2008, os 189 formandos de 2012 viveram na cerimônia de formatura “a celebração da conquista da vitória coletiva, e de cada um, em sua trajetória particular, ao final desses quatro anos e meio de luta, de envolvimento, de dedicação, de crescimento e, sobretudo, de esperança” – resumiram os oradores da turma no meio da tarde da última sexta-feira de maio.

Luta – Desde os oito anos de idade, Gesiel, de Ariquemes, toca violão, que aprendeu de ouvido, e foi durante um dos ensaios do Coral de sua cidade, do qual fazia parte, que ficou sabendo do vestibular para o Curso de Licenciatura em Música EAD da UFRGS. Fez e passou na seleção, mas não sabia que seria tão difícil, pois, mesmo que tivesse muita experiência em instrumentos, não possuía qualquer conhecimento de informática: “Foi um choque a primeira vez que abri a plataforma”, lembra, “eram tantos lugares para ir e vários links para acessar”. Dificuldade que muitas vezes o levou a pensar em desistir do curso, só não o fez porque recebeu apoio dos colegas.

“É como se a gente fizesse duas faculdades ao mesmo tempo”, avalia Sílvia, de Porto Velho. Apesar de já ter acesso a computador e internet, ela também diz ter enfrentado dificuldade para apropriar-se de toda aquela tecnologia aplicada à música: “Hoje estamos preparados para criar nós mesmos nosso material virtual para trabalharmos com nossos alunos. É isso é um diferencial em nossa formação; certamente seremos ponto de referência dentro das escolas, alavancando a questão da tecnologia”, projeta.

Eduardo, tutor do curso em Itaiópolis, concorda com os estudantes e diz que a maioria teve a mesma dificuldade que eles, tanto no manuseio do aparato tecnológico quanto na navegação nos objetos virtuais de aprendizagem elaborados especialmente para o curso pelo Núcleo de Desenvolvimento de Materiais Didáticos (NDMD).

As fotos desta reportagem foram produzidas durante o ensaio dos formandos para o Concerto Interativo realizado em 24 de maio no Salão de Atos



Educação que aproxima

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA FOTOS FLÁVIO DUTRA

EaD Formatura da primeira turma do Curso de Licenciatura em Música a Distância reuniu professores de Rondônia, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

“Enquanto alguns já tinham mais familiaridade com a tecnologia, outros não apresentavam a mesma desenvoltura. Foi por isso que oferecemos logo no início uma interdisciplina de instrumentação para EAD”, acrescenta.

Envolvimento e dedicação – Depois do primeiro susto tecnológico, as olheiras. “A gente perde um pouco a noção do tempo. Quando vê, já é madrugada, já é hora de dormir.” Maria Inez, também de Itaiópolis, cumpriu

a risca a recomendação de um tempo diário para realizar as atividades do curso, e não lamenta as olheiras que adquiriu nesse período. Eram quatro horas diárias de estudo depois de um dia inteiro em sala de aula, como professora de quinta-série do ensino fundamental.

Invariavelmente, às 8h, o sistema ficava disponível para os alunos entrarem no ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) e realizarem os estudos e tarefas daquele dia. O trabalho era apresentado pelas interdisciplinas em Vídeos

Interativos de Aprendizagem (VIA), o que fez com que os professores também tivessem de se adaptar a esse novo jeito de ensinar. Como suporte presencial, diariamente os polos estavam abertos aos alunos para atividades coletivas ou para esclarecimentos individuais junto aos tutores presenciais, que eram em número de 25 em todos os 11 polos.

Casada e mãe de duas meninas, sua filha menor tinha apenas três anos quando Maria Inez começou a graduação. Ela comenta ser a prova viva de que não

só é possível fazer um curso de música a distância, como também é factível alfabetizar-se musicalmente nessa modalidade: “Eu não sabia tocar nenhum instrumento e estou me formando. Consegui passar por todas as provas tão exigentes. Só que tem que estudar muito”. Além dos estudos em casa, o curso também desenvolvia atividades como os Seminários Integrados, quando os professores visitavam os polos.

Nesse percurso, o marido a ajudou assumindo os cuidados com as filhas e algumas lidas da casa. “É bem difícil, se não tiver o companheirismo, com certeza o casal se separa mesmo, porque eram muitas atividades, muita pressão sobre os alunos. Tinha dia que ela nem dormia à noite. É um teste para ver se o casal está bem ou não”, relata Charles, esposo de Maria Inez, que no dia da formatura estava sentado na plateia junto das meninas.

“Eu... ou a faculdade e a orquestra!” O casamento de Ana Cássia, de Ariquemes, não teve o mesmo fôlego e, depois dessa cobrança do então marido, a professora de piano optou por sua profissão. Um dia antes da formatura, lembrando o que viveu durante o curso, ela reconhece que seu casamento já não estava bem fazia anos, mas: “É isso o que eu amo fazer, o que eu sei fazer, e eu vou encarar isso até o fim”, encerrou o assunto, contando ainda com o apoio da mãe, que continua, aos 70 anos, dando aula de piano.

Crescimento – Antes de ingressar no curso, Wothson, de Canoinhas, não conseguia que suas turmas extracurriculares de música chegassem ao final do ano com o mesmo número de alunos. Começava com cerca de 30 estudantes e terminava com cinco ou seis. À medida que sua graduação foi avançando, passou a adotar em suas aulas o que vinha aprendendo a distância. Isso fez toda a diferença, porque ele começou a ter mais empatia com seus alunos e a entender que cada um tem o seu tempo de aprendizagem.

Hoje, ocorre o contrário: começa com uma turma de dez alunos e logo já está com quase 20 em sala de aula: “Não foram as crianças que mudaram, o meu ensino melhorou”. Em seu trabalho de conclusão de curso, registrou: “Antes eu era um arquivo cheio de informações; com o curso, essas informações ampliaram e foram organizadas”. Wothson lembra que, depois do caos inicial que se instalou em sua rotina familiar, criou um sistema de estudo para evitar o acúmulo de tarefas para os finais de semana.

A experiência de Gesiel como docente também passou por uma guinada, assim como o que ocorreu com Wothson. Como professor de um programa de ensino de música para afastar as crianças dos ambientes de violência e do trabalho infantil, ele assegura que “o curso ajudou inclusive a lidar com alunos com problemas familiares” – o que acabou repercutindo no aumento da procura pelas aulas de música do projeto que hoje é referência na cidade de Ariquemes. Em 2012, Gesiel chegou a trabalhar com 200 crianças em diferentes corais. “Passei a desenvolver técnicas, como aquecimento para quebrar o gelo e a timidez”, relata.

Amaildes, aluna e também tutora no polo de Ariquemes, adotou as aulas em conjunto para ensinar teclado a seus alunos. Há décadas esse ensino é praticado apenas de forma individual: um aluno e um professor. Essa inovação do curso EAD, quando foi inserida no programa, inclusive enfrentou algumas objeções no Departamento de Música da UFRGS. Mas, na prática, os resultados foram surpreendentes, assim como o que ocorreu quando Amaildes propôs a duas de suas alunas que, enquanto uma cantasse, a outra deveria tocar, e depois ambas trocariam os papéis. “Agora vocês vão estudar assim em casa. Na outra aula, elas voltaram com tudo pronto e com a autoestima elevadíssima, porque viram o resultado nelas mesmas”, ilustra.

O objetivo do curso de licenciatura era formar professores de música, e não virtuosos instrumentistas ou musicistas

Manter a excelência sem excluir

No dia em que o Instituto de Artes da UFRGS completava um século de existência, 22 de abril de 2008, foi realizada a aula inaugural do Curso de Licenciatura em Música a Distância, tendo na coordenação a professora Helena de Souza Dias.

Embora o projeto pedagógico de EaD do Departamento de Música do IA tenha sido o primeiro a ser aprovado no âmbito nacional, em 2005, ele foi antecedido, em sua implantação, por dois outros cursos na mesma modalidade, oferecidos pelas universidades federais de Brasília (UnB), e de São Carlos (UFSCar), em São Paulo.

Inicialmente, o projeto foi aprovado no âmbito do Pró-licenciatura – programa instituído pelo MEC para a formação inicial de professores em exercício dos sistemas públicos de ensino. A segunda turma, que fará seleção para ingresso em 2013, já será montada integralmente dentro do sistema da Universidade Aberta do Brasil e, diferentemente da primeira edição, que ofereceu 850 vagas, o segundo vestibular disponibilizará 500.

Tendo como parceiras as universidades estadual do estado de Santa Catarina (UDESC), as federais do Espírito Santo (UFES) e da Bahia (UFBA), e a Fundação Federal de Rondônia, o curso de Licenciatura em Música EAD da UFRGS exigiu de seus coordenadores e executores muito empenho e criatividade tanto para criá-lo como fazê-lo funcionar, justamente pelo seu ineditismo.

“Entrar não quer dizer sair” – Argumentou incansavelmente Helena toda vez que precisou defender, junto a seus colegas de departamento, a forma como seria realizada a seleção para o novo curso. Tendo como base a experiência do curso de extensão de musicalização para todo o Brasil, realizado pelo Centro de Artes e Educação Física da UFRGS (Caef) em 2004, a Licenciatura em Música EAD vinha na mesma vertente inclusiva de educação musical para todos.

Por várias vezes, quando em visita aos polos, os professores e tutores do curso de música do Caef ouviram de seus alunos o desejo de fazer uma graduação na área. “Mas sem ensino médio não se entra na universidade”,



explicou Helena quando visitava o polo de Cristópolis, na Bahia. Foi o que bastou. Rapidamente o grupo entrou em contato com a prefeitura para agilizar a oferta do ensino médio na cidade, só assim eles poderiam concorrer futuramente a uma vaga do “provável curso” de licenciatura em Música. Esse perfil de alunos não poderia ser desconsiderado na hora da elaboração do curso e do vestibular, pensava a coordenadora.

Por isso, procurando conjugar a excelência do ensino da UFRGS com a necessidade de formação superior de pessoas que dificilmente teriam essa oportunidade de modo independente, o objetivo do curso de licenciatura era formar professores de música, e não virtuosos instrumentistas ou musicistas. O projeto EAD do IA ousou e fez, pela primeira vez na história do Instituto, uma prova específica que

não representou ponto de corte. “Seria assinar a sentença de morte do projeto todo”, diz Helena, e acrescenta: “O processo seletivo foi o mais dramático”.

Para respaldar tamanha ousadia, teria de ser desenvolvido um sistema de avaliação que concorresse para mostrar o quanto a proposta era viável e consistente. O aluno de Engenharia Guilherme Rocha Bittencourt, que ingressou no projeto como bolsista e depois foi contratado pela Faurgs, criou um minucioso instrumento de avaliação com uma tabela detalhada de critérios elaborados por especialistas em música.

Essa tabela, disponibilizada no sistema, foi preenchida por cada professor-avaliador à medida que o candidato executava a prova de instrumento em seu polo. O resultado foi tão eficiente, que a mesma concepção e sistemática

de avaliação desenvolvida em planilha eletrônica foi estendida para as demais etapas do curso.

De acordo com o professor Rodrigo Schramm, também responsável pela gerência das tecnologias da informação do curso, o modelo adotado para a elaboração dos objetos virtuais de aprendizagem permitiu um dinamismo tão eficiente quanto o sistema de avaliação. Por ser uma experiência nova, muitas vezes foi necessário criar soluções tecnológico-pedagógicas rapidamente para suprir a demanda de cada polo. Para essa tarefa também era acionada a equipe dos tutores de mídias digitais, “eficientes profissionais que se formaram em serviço”, destaca Helena, embora lamente que eles não poderão continuar na equipe por questões administrativo-financeiras.

Ao longo dos quatro anos e meio

do curso, mais de 40 professores contribuíram para o projeto, adesões que foram conquistadas: “A grande vantagem do curso a distância”, comenta o professor de regência Wilson Gavalvão de Oliveira, “é que pode chegar a qualquer pessoa que queira fazer um curso superior”. No começo, Wilson não acreditava na modalidade EAD, e fazia parte da resistência. Mas quem teve a oportunidade de ver sua emoção ao reger pela primeira vez os 189 formandos um dia antes da formatura pôde perceber que ele já está convencido do contrário: “É um aprendizado para a vida”, resume a experiência de poder olhar nos olhos de cada um dos alunos que aprendeu a ensinar via internet.

“Chegamos a lugares em que talvez só daqui a 20 anos as pessoas de lá teriam oportunidade de fazer um curso superior”, emenda Rodrigo.

Brasil afora

Segundo Glauber Lúcio Alves Santiago, ex-coordenador do curso de música EAD da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o curso de música a distância de sua universidade é oferecido somente no estado de São Paulo. Criado em 2007, o projeto já está em sua quinta edição, sendo que a primeira turma concluirá o curso ainda em 2012. Somando todas as turmas, Glauber avalia que permaneçam fazendo o curso 60% daqueles que iniciaram, o que representa cerca de 500 estudantes.

Ao longo desses anos, a principal mudança da proposta ocorreu em 2010, quando entrou em vigor o novo projeto pedagógico. Entre as alterações, o professor destaca a redução do número de disciplinas oferecidas e o aumento da carga horária daquelas que permaneceram na grade curricular. Antes, a cada semestre, os alunos faziam sete disciplinas, e agora fazem quatro.

Essa alteração foi a forma que os professores encontraram para superar tanto a dificuldade dos alunos em cumprir as tarefas

das disciplinas quanto a do corpo docente em gerenciar o curso. Outro aspecto positivo, com o atual projeto pedagógico, é o adensamento dos conteúdos de determinadas disciplinas que antes se restringiam a dois meses de duração, e agora têm a duração de quatro meses.

Paulo Roberto Marins coordena o Curso de Licenciatura de Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB), que oferece vagas em 13 polos nos estados do Acre, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Tocantins. Também criado em 2007, atuam no curso 40 professores e 80 tutores, e a primeira turma diplomou-se no final de 2011, quando se formaram 12 dos 82 ingressantes.

Estão em andamento outras três turmas que iniciaram nos anos de 2009 e 2011, totalizando cerca de 200 alunos. Prestes a realizar nova seleção para o ingresso da quarta turma, Marins ressalta a forte política de inclusão da UnB como fator decisivo na continuidade do projeto. “Acreditamos na inovação da EAD para interiorizar o ensino superior”, ressalta.





Por uma mente plural

A ativista indiana esteve na Universidade e defendeu que um modelo de produção baseado em princípios universais de sustentabilidade pode ser aplicado com sucesso em qualquer lugar

Entrevista Vandana Shiva critica a monocultura do pensamento e propõe uma mudança que vai das ideias à agricultura

Everton Cardoso

Preocupada com a “cegueira em relação à diversidade do mundo”, a física e ecologista indiana Vandana Shiva dedica sua vida a lutar por uma alternativa que rompa com o atual modelo produtivo criado pelo capitalismo corporativo. Partindo da realidade rural de seu país, na qual o agronegócio tem suplantado o tradicional modelo de agricultura sustentável e diversificada, Vandana vê no predomínio da monocultura – segundo ela, mais que um modelo de plantação, uma forma de pensar – um risco ao futuro da humanidade. Em sua passagem por Porto Alegre para participar do Fronteiras do Pensamento, conversou com o JU e, apesar de sua visão bastante negativa do momento atual, deixou a mensagem de que é possível o surgimento de um novo modelo.

Quais são as principais diferenças entre Brasil e Índia?

O Brasil tem uma grande extensão de terras e recursos abundantes. Ainda assim, muitas pessoas não têm terras, porque muitos foram removidos delas. Na Índia, a política é manter as pessoas em suas terras. Além disso, nosso país tem uma população maior e um território menor que o brasileiro. Por isso, o impacto da globalização é muito mais óbvio de se observar. Uma fábrica pode matar um de nossos rios. Quando se tenta construir megacidades na Índia, se pisoteia as pessoas e isso leva a invasões de

terra por todas as partes. A globalização intensificou os conflitos pelos recursos na Índia de uma maneira mais óbvia. Antes da globalização era uma sociedade predominantemente agrária, muito mais rural. Aqueles que lutaram pela nossa liberdade, como Ghandi, sabiam que manter as pessoas em pequenos povoados era uma opção mais adequada para os indianos. Agora, o país está tentando urbanizar-se muito rapidamente e numa escala nunca vista. A globalização torna-se uma força destrutiva. Claro que ela também está presente aqui, mas não está tão na cara das pessoas.

Que consequências negativas da globalização são mais evidentes no Brasil?

Contaram-me que o Rio Grande do Sul era basicamente uma área de criação livre de gado e que atualmente a soja tomou conta. A monocultura da soja não é a opção mais ecológica. Para um olho não treinado, a plantação de soja e o pasto nativo parecem a mesma coisa. Mas no pasto há centenas de espécies, enquanto na monocultura existe apenas uma.

Há um modelo melhor que possa servir tanto ao Brasil quanto à Índia?

Um modelo positivo baseado em princípios universais de sustentabilidade pode funcionar em qualquer lugar. Sustentabilidade é proteger a biodiversidade; permitir que os ciclos hídrico e de nutrientes se completem, o que pode ser obtido com agricultura orgânica. Também significa que se pensa a partir da biodiversidade em vez de considerar-se a natureza como um bloco. Há uma ideia estabelecida sobre a monocultura. Eu a chamo de monocultura da mente, pois começa na cabeça, com falsas suposições de que esse modelo produz mais.

O que caracteriza essa monocultura da mente?

É a cegueira em relação à diversidade do mundo. Cada espécie é única, assim como cada cultura, e não ser capaz de perceber isso cria um mundo empobrecido. Pensa-se erroneamente que se produz mais e que se gera uma cultura superior. A soja, na monocultura, aparentemente produz mais alimento. Mas não é verdade; ela representa mais biodiesel para

carros, mais alimentos para animais, mas menos biodiversidade e menos comida. O segundo problema da monocultura da mente é que ela se coloca como o único sistema de conhecimentos disponível. Então se desconsidera todas as outras formas de sabedoria, como a que vem de experiências locais, a das mulheres e a de culturas indígenas. E essas são muito importantes para a sustentabilidade. Esse é um problema que afeta a sobrevivência da espécie humana e está na raiz de falsos paradigmas e de falsas soluções. Einstein já dizia que problemas não podem ser resolvidos com o mesmo sistema de pensamento que os criou. A monocultura da mente está na origem da crise econômica, ecológica, social e cultural, mas se oferece como solução.

O que seria, então, ideal?

Uma mente aberta para conhecer e respeitar toda a diversidade da natureza e a diversidade de culturas com seus valores intrínsecos. A forma de se fazer isso é permitir que a diversidade exerça seu papel. Exemplos disso são as florestas e montanhas. Elas são fornecedoras de água, mas a monocultura da mente substitui a diversidade por espécies para monocultura. Essa forma de pensar não consegue ver a ligação entre a água e as árvores. Na agricultura, uma lavoura de arroz fornece os grãos para alimentar os humanos, e também palha que serve de alimento aos animais. Estes, por sua vez, produzem esterco, que é adubo orgânico. Tem-se, então, sustentabilidade construída dentro desse ciclo. Num contexto monocultural, a palha é destruída e a função que ela desempenha como mantenedora da fertilidade é desprezada. Por isso, é preciso trazer fertilizantes externos. Então, as plantas são sobrecarregadas com mais agrotóxicos; e os agricultores, com mais dívidas.

Que objetivos tem o pensamento monocultural?

Busca acúmulo. Produz-se somente mais mercadorias, ainda que menos bens e serviços. Para o agronegócio é ótimo, pois são vendidas mais sementes, e empresas como a Monsanto ganham cada vez mais *royalties*. A monocultura da mente, que trabalha a favor dessas

empresas, também afeta o sistema político. Isso basicamente faz com que a democracia seja reduzida à representação do agronegócio, e, a partir disso, todas as políticas favorecem esses modelos, e punem pequenos agricultores e propriedades diversificadas e sustentáveis.

A que se deve essa realidade?

Primeiramente, à ganância. Os deveres para com a natureza e a sociedade desaparecem, e a extração torna-se o único objetivo. Há uma lei geral: “Aqueles que têm o ouro fazem as regras; e aqueles que fazem as regras levam o ouro”. Segundo, há uma vontade enorme de controlar e subjugar. Mas de onde vem essa ambição de conquistar? Vem do medo de qualquer coisa que seja livre e independente. É por isso que um pequeno agricultor deve ser eliminado! A liberdade dele é uma ameaça. Também é por essa razão que as mulheres enquanto sujeitos autônomos devem ser destruídas. A independência dá medo. A natureza tem de ser domada: rios têm de ser represados; florestas cortadas. Essa vontade de controlar vem de um medo profundo de tudo o que é vivo e livre.

Qual é a origem desse fenômeno?

Vem do patriarcado. É um problema histórico, mas foi agravado com a ascensão da industrialização e do capitalismo.

E agora está ainda mais forte com a globalização, que bem pode ser chamada de “patriarcado corporativo”. No capitalismo, centenas de negócios podem florescer, mas no corporativo somente cinco empresas de agronegócio podem prosperar. Há um medo da democracia. Não é por acaso que a globalização levou à emergência de uma narrativa do terror. Todos são vistos como terroristas! E isso vem do medo da liberdade do outro.

Há alguma esperança de mudar?

Há, sim, e muita! Primeiro, porque nenhum sistema de controle é eterno. A própria natureza da vida está ligada à liberdade, e mais cedo ou mais tarde as correntes da autoridade se rompem. Os sistemas autoritários não podem ser um estado permanente das coisas. Além disso, esse modelo deixou de cumprir suas próprias promessas. Ele anunciara prosperidade para todos, mas trouxe desespero. Surgem, então, movimentos como o *Occupy Wall Street* dizendo que somos 99%, enquanto “eles” são apenas 1%. No Butão, por exemplo, o governo adotou uma nova forma de medir o produto interno bruto, agora combinado com a saúde dos ecossistemas e da sociedade. É a “felicidade interna bruta” como objetivo para o progresso nacional. São, portanto, pessoas mais felizes e ecossistemas mais saudáveis.

Universidade de saberes

Gabriela Coelho-de-Souza*

Para Vandana Shiva, a globalização privilegia uma visão hegemônica cujo valor preponderante é a acumulação, que é legitimado pelo sistema sociopolítico e incorporado às legislações. Nesse contexto, há impactos por se considerar a monocultura como responsável pelo abastecimento da humanidade: a diversidade de modos de vida – principalmente dos agricultores locais, povos e comunidades tradicionais – e a biodiversidade deixam de ter uma conexão (leia-se utilidade) com a sociedade moderna. Recentemente vem-se reconhecendo a função da

biodiversidade na produção de bens e serviços ecossistêmicos, os quais são responsáveis por manter as condições de vida no planeta. Apesar disso, ainda está invisível a relação dos conhecimentos e práticas desses grupos na promoção e manutenção da agro e biodiversidade. Para reversão desse contexto, a variedade de perspectivas e o respeito à diversidade e ao diálogo de saberes devem ser cultivados, sendo a universidade, pelo seu caráter autônomo, um lugar de promoção dessas ideias.

*Professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR)



Potencial celular

Células-tronco

Universidade firma parceria com instituto britânico para avançar as pesquisas e ampliar os conhecimentos na área

Com a finalidade de promover o ensino e a pesquisa, representantes da UFRGS, do Instituto de Pesquisa em Células-tronco de Porto Alegre (IPCT) e do *The National Institute for Biological Standards and Control* (NIBSC/Reino Unido) assinaram, no dia 8 maio, convênio que busca a troca de conhecimentos entre as instituições e o aprofundamento das relações entre Brasil e Reino Unido. O termo foi assinado no Hotel Four Seasons, em Londres, com a presença do governador Tarso Genro; da vice-presidente do Conselho de Pesquisa em Células-tronco e professora da UFRGS Patricia Pranke; da secretária de Relações Internacionais da Universidade, Liane Hentschke; e do diretor do NIBSC, Stephen Inglis.

A ideia é desenvolver a pesquisa em células-tronco, além de dar início a discussões sobre áreas de interesse comum entre os países. “Essa parceria, agora formalizada, vai facilitar o processo de envio de pesquisadores de uma instituição para a outra e, assim, contribuir para as pesquisas”, expõe Patricia Pranke, coordenadora do IPCT. Dentro do Instituto, Patricia é também responsável pela coordenação do Laboratório de Células-tronco da UFRGS, que trabalha com a regeneração e reconstituição de tecidos. Entre outras frentes, o grupo desenvolve materiais para o cultivo das células na área da medicina regenerativa: “É a chamada terapia celular: em vez de se utilizar um medicamento, a célula-tronco regenera o tecido lesionado, que pode ser a pele, um osso, uma cartilagem ou até a medula espinhal”, explica a professora.

O NIBSC, um dos mais relevantes institutos de pesquisa da Europa, é líder global no campo da padronização biológica e referência mundial em pesquisas com células-tronco. “A parceria

é muito importante. Os ingleses têm uma grande experiência em células-tronco embrionárias – a lei deles foi aprovada há muito mais tempo que a nossa –, então, se nós queremos fazer um mapeamento dessas células, um banco de células-tronco embrionárias, o apoio deles é de importância indiscutível. É um somatório, mais um canal de intercâmbio de pesquisadores”, destaca Patricia.

Células coringa – Devido à capacidade de se adaptar ao formato de qualquer outra variedade celular, as células-tronco são tidas como “coringas” do organismo. Elas são encontradas naturalmente em dois tipos: as embrionárias, também chamadas de pluripotentes e que, como o nome entrega, vêm de embriões, e as adultas, presentes principalmente na medula óssea, no tecido adiposo e no cordão umbilical. Em 2007, cientistas conseguiram ainda obter em laboratório uma terceira variedade: as células pluripotentes induzidas.

Ana Helena Paz, pesquisadora do Centro de Tecnologia Celular do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e professora da UFRGS, explica que as células-tronco embrionárias são mais plásticas, mas também menos seguras que as adultas: “Elas podem originar um tumor constituído de tecidos das três camadas germinativas – um tumor complexo com osso, tecido adiposo e cabelo, por exemplo. Para se ter uma ideia de como é complicado, nos Estados Unidos, somente dois ensaios clínicos foram liberados utilizando células-tronco embrionárias em pacientes”. Ana Helena acrescenta que a crença inicial de que as células-tronco simplesmente se transformavam em qualquer tecido já foi desfeita: “Hoje se sabe que não é bem assim. O potencial dessas células vem muito mais do que nós chamamos de efeito parácrino – a capacidade de conter o desenvolvimento de células doentes e preservar as saudáveis e, dessa forma, regenerar os tecidos”.

No Brasil, as pesquisas com células-tronco embrionárias foram aprovadas pelo Supremo Tribunal Federal em maio de 2008 por meio da Lei de Biossegurança. A norma exige, além da autorização do casal, que os embriões utilizados sejam inviáveis ou estejam congelados há pelo menos três anos e veta a comercialização desse material. As células adultas, por outro lado, já são amplamente utilizadas desde meados dos anos 1960 no tratamento

de leucemia, através do transplante de medula óssea, e mais recentemente também no tratamento da esclerose múltipla e da esclerose lateral amiotrófica. No ano passado, foram liberados 97 ensaios com células-tronco adultas nos Estados Unidos – hoje, só um ano depois, já são 237. “E nenhum apresentou resultados negativos até agora. Por isso as células embrionárias são liberadas mais para estudos do que para aplicação. Antes de aplicar, ainda tem muito a ser estudado”, pondera Ana Helena.

Trilhando esse caminho, a associação da UFRGS com o NIBSC foi feita tendo em vista o desenvolvimento dessas pesquisas, a fim de que a utilização de células-tronco seja ampliada e alcance a população. Para Patricia Pranke, “o convênio abre possibilidades para outras áreas da universidade firmarem parcerias também. E o próximo passo agora é fazer a interação entre os pesquisadores de lá e os daqui, e promover uma troca de conhecimentos. A intenção é facilitar, agilizar e desburocratizar esse processo para avançar nas pesquisas”.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabco

Classificações e aplicações

As células-tronco embrionárias recebem a denominação de pluripotentes pela capacidade de se diferenciar em qualquer tipo de célula adulta do organismo, de neurônios a células de pele. As adultas, por sua vez, são encontradas no organismo já desenvolvido e podem se dividir para gerar tanto uma nova célula idêntica quanto outra diferenciada, que será usada na regeneração de tecidos danificados ou na substituição de células mortas. Menos versáteis que as embrionárias, elas não causam polêmica, uma vez que sua obtenção não depende de embriões. Por fim, as células pluripotentes induzidas (iPS na sigla em inglês) foram criadas por dois grupos de cientistas a partir de pele humana. Com quatro genes injetados por vírus, os pesquisadores conseguiram fazer com que células de pele retornassem para o estágio de células-tronco. No futuro, espera-se que elas possam vir a substituir as

células embrionárias nos projetos de pesquisa.

Embora a maior parte das aplicações das células-tronco esteja em fase de testes, suas potencialidades abrangem diversas áreas. No cérebro, podem ser utilizadas na regeneração de neurônios perdidos em decorrência do mal de Parkinson ou de Alzheimer, entre outros problemas. Nos ossos, auxiliariam na cicatrização de fraturas e no tratamento da osteoporose. Têm a capacidade de recuperar a produção adequada de insulina no pâncreas, fazer a reposição das células da retina em pessoas cegas ou com problemas de visão, além de recuperar áreas infartadas do coração e auxiliar no tratamento de insuficiência cardíaca. Outras possibilidades ainda são a atuação contra a infertilidade em casais que não conseguem ter filhos e o tratamento de lesões na coluna, agindo inclusive na recuperação de pacientes parapalégicos.

Laboratório de Células-tronco da UFRGS desenvolve materiais na área da medicina regenerativa

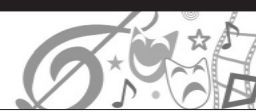


FILIPPO OUTRAZU

A engenharia de tecidos do IPCT

Vinculado à UFRGS e fundado em 2004, o Instituto de Pesquisa em Células-tronco de Porto Alegre (IPCT) é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve pesquisas com células-tronco para a regeneração de órgãos e tecidos. As células são cultivadas em um biomaterial produzido pelo próprio instituto com nanotecnologia. O biomaterial, semelhante a um pequeno disco de papel, é composto por nanofibras, mais finas que fios de cabelo, que se ligam umas às outras formando uma rede, como se fosse uma teia de aranha. “Nesses biomateriais é que nós cultivamos as células-tronco; eles poderiam, por exemplo, substituir um pedaço de pele”, resume Patricia Pranke.

O processo parece simples: à medida que as células preenchem o molde e passam a reconstituir um tecido, o material contendo essas células seria, então, implantado no tecido lesionado. Para isso, o IPCT trabalha com a produção de linhagens de células-tronco. Elas são oriundas de diferentes fontes, desde aquelas provenientes da medula-óssea e de produtos de lipos aspiração até as vindas de dentes de leite ou do cordão umbilical. A partir daí, diversas linhas de pesquisa são desenvolvidas: tratamento de lesões raquimedulares, de AVCs, e regeneração óssea, de cartilagem e de pele. A meta do IPCT é fazer uma “engenharia de tecidos”. A coordenadora do Instituto, Patricia Pranke, explica que esse princípio é a base da chamada produção de órgãos artificiais: “Claro que ainda se está muito longe de construir um coração, por exemplo, mas um tecido mais simples é possível. E esse é o foco: regeneração de tecidos ou órgãos”.



Professor da Escola de Música da UFMG, Fernando Araújo, participou do encontro que reuniu violonistas do Brasil e do exterior no Câmpus Centro

Brasileiro por excelência

Música

IV Festival de Violão da UFRGS retoma tradição de Porto Alegre no instrumento que conquistou a musicalidade do país

O sotaque do chileno José Antonio Escobar ressoa no auditório da Sala Fahrion e atrai a atenção dos espectadores que assistem à palestra sobre “Nova música chilena para violão”. Os exemplos musicados que o palestrante usa para ilustrar sua apresentação enchem de sonoridades o 2.º andar do prédio da reitoria da UFRGS. Depois da palestra, dando seguimento às atividades, o dedilhar suave do violão de Renata Mendes dá início à *master class* de Fernando Araújo, concertista e professor da Escola de Música da UFMG, que avalia e instrui a peça Estudo n.º 9, de Radamés Gnattali, tocada pela estudante.

As atividades fizeram parte do segundo dia do IV Festival de Violão da UFRGS, que aconteceu entre 3 e 6 de junho, reunindo os acordes de músicos, acadêmicos, estudantes e entusiastas. Mais do que um encontro, foi uma oportunidade de debater o ensino e acompanhar o trabalho de grandes expoentes da música brasileira e internacional. Para o estudante Mariano Telles, que cursa o 3.º semestre de bacharelado em violão, o evento

abriu a possibilidade de fazer um intercâmbio musical: “Nesses festivais nós temos contato com pessoas de lugares diferentes, podemos acompanhar o que está acontecendo”, reflete.

A proposta é trazer de volta a Porto Alegre a tradição dos Festivais Internacionais de Violão da década de 70, promovidos pelo Liceu Musical Palestrina. Desde os primeiros festivais, a capital gaúcha é considerada um polo musical. “Somos referência em violão no Brasil e no exterior, seja pelos músicos, pelos compositores ou pelo curso que nós oferecemos aqui”, ressalta Daniel Wolff, coordenador do evento e professor do Instituto de Artes da UFRGS. O baixo custo, a praticidade e a versatilidade do instrumento favorecem sua difusão no país. A grande capacidade melódica e harmônica permite uma vasta diversidade de acordes e de adaptações nos diversos ritmos brasileiros.

O Brasil nos acordes do violão – “Meu coração, não sei por que / Bate feliz, quando te vê... / E os meus olhos ficam sorrindo / E pelas ruas vão te seguindo... / Mas mesmo assim, foges de mim...” Relembrar a música *Cariñoso*, de Pixinguinha, remete quase imediatamente ao acompanhamento do violão. O instrumento está ligado ao choro, ritmo que dá a melodia para essa e outras composições da música brasileira. O surgimento do chorinho resume bem a incorporação do violão no Brasil. Segundo Daniel Wolff, uma de suas origens acontece quando o corte portuguesa vem ao país, em 1808. Nas casas senhoriais, era comum a reprodução de peças musicais características do século 19 em piano, o instrumento de maior status da época. As classes mais baixas e os escravos, sem acesso ao piano, tocavam as músicas com os instrumentos mais baratos que con-

seguiam, como a flauta, o pandeiro e o violão. “E vão tocando aquelas melodias europeias com ritmo mais africano, e aí surge o choro”, resume o professor.

Conforme algumas teorias, a guitarra clássica – outra denominação do violão – seria a evolução de aparelhos como o alaúde, de origem árabe, e a vihuela, de origem espanhola. Esses instrumentos teriam evoluído até chegar à forma mais comum do violão moderno, com seis cordas, fundo chato e formato de oito. Ao Brasil, ele teria vindo com a chegada dos portugueses e dos espanhóis à América do Sul. A partir daí, foi amplamente incorporado à música produzida por aqui.

Mas, em boa parte do século XIX, o instrumento foi desmerecido. Perdendo seu conceito e status na Europa, por longos anos, o ensino e a produção de peças ficaram estancados. No Brasil, ele era considerado coisa de malandro, de boêmio. A professora de violão do Instituto de Artes da UFRGS Flávia Domingues Alves comenta que até famosos violonistas, como Villa-Lobos, sofreram preconceito por gostar do instrumento. “Villa-Lobos estudou violoncelo porque a família não aceitava que ele tocasse violão”, comenta. Aos poucos, o aparelho foi recuperando a sua proeminência. “É um instrumento rico. Com o tempo, as pessoas que eram mais preconceituosas começam a ver que o violão consegue executar uma música tão séria quanto qualquer instrumento considerado nobre”, aponta.

O violão foi aceito e incorporado a diversos aspectos da cultura nacional. Na tradição gaúcha, por exemplo, ele tem grande destaque devido à proximidade do estado da Região do Prata, com países como Uruguai e Argentina, em cuja produção musical a guitarra clássica tem papel determinante. “Todas as

danças e ritmos populares do folclore do Prata, como o Chamamé, a Milonga e o Candombe, são muito fortes no sul, e a música tradicionalista gaúcha incorpora elementos dessa região”, pondera Flávia. O acordeão e o violão, inseridos na música nativista, representam hoje boa parte da identidade cultural do sul do Brasil.

Traga-me um violão antes que o amor acabe – Cantado na voz de Chico Buarque, esse verso da música *Amanhã, Ninguém Sabe* exalta os prazeres do violão. Não é raro encontrar anúncios de escolas de música ou amigos em uma roda dedilhando acordes. O instrumento é inseparável para muitos músicos amadores ou profissionais.

“O violão brasileiro é um pouco como o futebol. As pessoas já levam a sério por antecipação”, comenta Fábio Zanon, um dos exemplos da relevância dos violonistas brasileiros no exterior. A história do instrumento no país, apesar de recente, possui grandes nomes, como Villa-Lobos e Barbosa Lima. Para o violonista, atualmente estamos em uma “fase de ouro” da guitarra clássica, com grandes talentos fora da norma, como Yamandu Costa e Guinga.

Zanon aponta que não é preciso ter formação na faculdade para ser um bom músico, mas, para quem quer ingressar na vida profissional, é quase um pré-requisito. Inclusive na música popular, que não configura o perfil mais clássico da academia, a instrução é importante. “A pessoa tem que conhecer essa indústria, e isso passa por uma formação grande. A maior parte dos melhores produtores hoje são pessoas muito bem formadas”, ressalta.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico

Universidade musicada

O violão pode ser uma porta de entrada para o aprofundamento na história da música. “Você começa com o violão, pra tocar o gênero de música que é mais familiar, e, à medida que vai evoluindo naquilo, você vai chegando em outros gêneros. É a porta de entrada para uma cultura musical que, de outro jeito, a pessoa não poderia alcançar”, pondera Zanon, que acredita que muitos alunos foram levados ao curso de música graças à paixão pelo instrumento. É o caso do estudante Mariano Telles, que começou aos 15 anos tocando pop rock, e acabou seguindo na direção da música clássica.

“A faculdade foi um caminho natural, em busca de especialização, de uma formação mais sólida”, conclui.

O ensino da guitarra clássica na UFRGS é reconhecido em todo o país. O início foi na década de 1970, no curso de Licenciatura em Educação Artística. O bacharelado no instrumento foi fundado em 1982, com o ingresso de Flávia Domingues Alves, primeira bacharel em violão do Brasil, no corpo docente da Universidade. Atualmente, o Instituto de Artes acumula outros pioneirismos. Daniel Wolff, professor do curso de Música, foi o primeiro doutor em violão do Brasil; além disso, ele trouxe para a UFRGS

o mestrado e o doutorado do instrumento em 2002 e 2011, respectivamente.

Desde o início do curso de música, a graduação em violão é uma das mais procuradas. Em 2012, foram 72 inscritos para o curso, sendo 24 para bacharelado, 26 para licenciatura e 22 para música popular. Os alunos estudam toda a história e as épocas musicais: da renascentista à contemporânea. Além disso, a formação musical atua também como um intercâmbio entre os músicos, o que possibilita o diálogo entre os diversos instrumentos.

JU indica

Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma Paixão

Rosa Maria Bueno Fischer
Porto Alegre: Autêntica, Coleção Estudos Foucaultianos, 168 páginas
R\$ 37 (valor médio)



Especialista em Michel Foucault, Rosa Maria Bueno Fischer estuda o pensamento do filósofo francês há quase duas décadas. Autora de diversas publicações

em periódicos nacionais acerca da produção intelectual do pensador, ela traz nesse novo livro uma série dessas produções, divulgadas entre 1999 e 2008, além de um texto inédito sobre o filósofo. O prazer de ler Michel Foucault desde a juventude e a produção acadêmica dos últimos dez anos a partir de uma rede conceitual foucaultiana estão presentes nessa obra que Rosa lançou em maio, no Museu da UFRGS. “Esse autor me é muito caro, me movimentava intelectual e existencialmente há muito tempo”, assume a jornalista, doutora em Educação. Ao fazê-la pensar “sem consolação”, o filósofo instigou a professora da Faculdade de Educação da Universidade a fazer da pesquisa “uma experiência modificadora de si mesma no jogo da verdade, e não como apropriação simplificada de outrem para fins de comunicação”. A expressão “trabalhar com Foucault” não é nova em sua obra, Rosa a usou em seu primeiro texto sobre o autor, *A paixão de trabalhar com Foucault*, em 1992, quando estava produzindo sua tese de doutorado, na qual abordou a questão da *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. O novo livro contém oito capítulos agrupados em duas partes: *Acontecimento, sujeito e discurso* e *Pesquisar com Michel Foucault*. O primeiro capítulo é uma homenagem pelos vinte anos da morte do pensador, no qual a autora diz como o filósofo a fez pensar formas diferentes de “inventar aulas”. O segundo capítulo, único inédito, uma vez que os demais já haviam sido publicados em outros livros, é o registro de sua participação no curso *Dos estruturalismos*, promovido pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, quando falou sobre *Estruturalismo e Filosofia: Foucault*. Em *O desejável conhecimento do sujeito*, título do capítulo três, ela trabalha as relações entre mídia, educação e produção de subjetividade na cultura. Ainda no campo da educação, a professora analisa o discurso e a análise enunciativa no capítulo quatro, ao aprofundar seu estudo sobre o clássico *A arqueologia do saber*. No quinto capítulo, Rosa sugere que as pesquisas em educação se ocupem da construção de objetos investigativos capazes de esmiuçar práticas produzidas pelos saberes de uma determinada época e que interpelam os sujeitos como verdades. O sexto capítulo, *Técnicas de si na TV: a mídia se faz pedagógica*, transita entre os campos da comunicação, da pedagogia e da filosofia da cultura, buscando analisar como jovens e crianças aprendem modos de ser e estar no mundo também por meio da televisão. No sétimo capítulo, a pesquisadora preocupa-se em estudar pela ótica de Foucault a inesgotável produção de sentido pelos diferentes meios de comunicação quando dão visibilidade a acontecimentos, pessoas, sentimentos, etc. Por fim, no oitavo capítulo, a docente analisa o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, em que crianças e jovens de uma favela carioca contam a história do Brasil atual. Segundo ela, esses jovens criam um sistema próprio de poder, à margem e por dentro do sistema oficial: “Na medida em que uma parcela significativa de policiais e grupos da classe média e classe alta praticamente vive deles e de toda a condição de violência e pobreza que encarnam”. (Jacira Cabral da Silveira)



Avós do Google

Acervos de jornais *Por que mantê-los nos formatos original e digitalizado, e seu valor para a pesquisa em História*

Samantha Klein

Com a interrupção das vendas da tradicional enciclopédia Britannica no formato impresso em março deste ano – que passou a ser comercializada somente na versão online –, temos mais um flagrante da mudança no modo de buscar a informação. As coleções que passaram de 120 mil conjuntos de livros vendidos no início dos anos 1990 para uma média quatro vezes menor na mesma década é somente um reflexo das modificações implementadas pelas ferramentas de busca e a disponibilização de conteúdo virtual na Internet.

Porém, quem diria que, com a revolução da forma de pesquisar conteúdos e de manter arquivos, textos, imagens e sons, os velhos acervos de jornais impressos continuariam como referência para a pesquisa histórica e acadêmica? E o desafio é justamente de preservar documentos que registrem a história das comunidades nas quais os diários circularam e descobrir como disponibilizá-los para o maior número de pesquisadores.

Exemplo disso pode ser conferido em um acervo em fase de crescimento no Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS. O NPH faz parte de um projeto de investigação em parceria com as universidades federais do Rio de Janeiro e de Santa Catarina e adquiriu 227 coleções em microfimes de jornais que circularam em todo o estado no século XIX e nas primeiras décadas do XX. Disponíveis somente em grandes bibliotecas e museus, os microfimes têm vida útil mais longa que os documentos em papel.

O jornal é uma fonte de história com um retrato da sociedade na qual circulou

História contada pelo cotidiano

– Felipe Rodrigues Bohrer pretende entender como os negros se inseriram na sociedade porto-alegrense no período pós-abolição da escravatura por meio da música e dos territórios negros. Para isso, a base de pesquisa foi o jornal *O Exemplo*, um dos periódicos mais duradouros da “imprensa negra”, escrito por intelectuais afrodescendentes e com a colaboração das cartas dos leitores.

Porém, os exemplares da publicação estão espalhados por diversas bibliotecas e museus, e somente a Biblioteca Nacional dispunha da coleção completa, até que o NPH começou a adquirir os microfimes para formar um acervo próprio. “Com o período de 1916 a 1919, consegui pesquisar sobre as manifestações culturais dos afrodescendentes e ex-escravos de Porto Alegre e sobre uma série questões que chegavam à capital, como o perigo alemão em um tempo de guerra e questões étnicas”, ressalta o estudante de mestrado em História da UFRGS.

O acervo que está sendo constituído

nasceu para subsidiar as pesquisas sobre a história do trabalho no Rio Grande do Sul e no país, por meio do diálogo entre as experiências da evolução trabalhista no RS, SC e RJ. Mas o material pode auxiliar os estudos de outros interessados que quiserem utilizar os microfimes e o equipamento de leitura e digitalização recentemente adquirido pelo Núcleo. “O intuito não é só fomentar o nosso projeto. A compra desse acervo vai contribuir [como fonte de pesquisa] para outras áreas de conhecimento. Um estudante de publicidade poderá analisar a evolução da propaganda veiculada no *Correio do Povo* ou no *A Federação*, cujas coleções completas já adquirimos”, relata a professora Regina Xavier, coordenadora do projeto *Cruzando Fronteiras: a história do trabalho no Brasil para além das dicotomias tradicionais*.

Entre os títulos adquiridos estão relevantes periódicos como a *Folha da Tarde*, que circulou entre 1936 e 1984, o *Correio do Povo*, um dos mais importantes jornais do estado que nasceu na Companhia Caldas Júnior e até hoje circula diariamente; *A Federação*, publicação republicana lançada em fevereiro de 1884 e que circulou até novembro de 1937, quando foi extinta devido ao golpe do Estado Novo que proibiu os partidos políticos no país. “Esse acervo ajuda a entender como eram as relações na capital, mas também no interior, pois temos exemplares de jornais que circularam em Jaguarão, como *A Ordem*, que era do Partido Republicano, por exemplo. Mesmo com tempo curto de circulação, eles são fundamentais”, destaca Regina.

Acervos e memória – Entre os acervos importantes que podem ser citados disponíveis em Porto Alegre estão o do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, o do Arquivo Histórico Moysés Vellinho e outros como os dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*.

O *Correio* tem o acervo completo de mais de cem anos de circulação do periódico, mas optou por cobrar pelo acesso disponível em horário comercial. Já o Hipólito da Costa tem o maior arquivo da América Latina, mas muitos dos documentos estão danificados e os problemas estruturais do edifício são uma ameaça à preservação dos exemplares. Embora o Moysés Vellinho tenha menor quantidade de publicações, resolveu problemas de climatização e umidade.

O Hipólito José da Costa tem uma coleção composta de três mil títulos datados de 1808 até a atualidade, com 700 obras raras. Mas, em razão da fragilidade do material, alguns impressos não podem mais ser acessados para pesquisa – um problema comum quando se pensa na falta de cultura de preservação de documentos no país. “Eu deveria tirar de circulação 40% dos jornais, mas não posso porque muitas das publicações só estão disponíveis aqui”, relata o diretor do Museu, Augusto Bier.

O reduzido número de funcionários também dificulta o trabalho de preservação: são doze, quando seria necessária meia centena. “É muito pouco. Além disso, os governos anteriores não cuidaram desse acervo.



Acervo de jornais do Museu Hipólito da Costa é o maior da América Latina, mas tem problemas de preservação

Com os colaboradores que tenho, estou conseguindo arrancar uma relação amorosa deles para cuidar do que temos”, complementa.

Apesar disso, até o final do ano, um alento poderá ser concedido aos impressos, já que a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS deve adquirir um equipamento de digitalização e uma parceria será firmada com o museu. Além disso, a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag) digitaliza documentos pertencentes ao estado, e as obras raras estão na fila de espera, embora não haja qualquer previsão para a realização do trabalho.

Check-up da história impressa – “Nós temos dois problemas em relação ao jornal. Ele não nasceu para durar, mas para viver um dia. Porém, é uma fonte de história para os que buscam um retrato da sociedade na qual esse periódico circulou. Essa é a importância de preservar”, destaca a restauradora de papéis Sílvia Breitsameter, que prestou serviços de restauração de materiais do Memorial do RS e ministra na capital a Oficina de Restauro Livro e Arte, na qual tem se dedicado

a renovar dois jornais da época da Revolução Farroupilha.

Na mesma linha de pensamento, a conservação desses acervos significa a manutenção da credibilidade da história de uma comunidade, que pode ser perdida nos sites e arquivos encontrados na Internet.

Segundo a professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS Sônia Caregnato, é comum que informações verídicas ou não acabem se misturando, o que prejudica a confiabilidade dos dados. “É possível encontrar informação de qualidade, mas também o que não é certificado. Assim, não basta saber o que as pessoas estão falando sobre um fato, é fundamental verificar na fonte, nos jornais de um período, livros, revistas e pessoas que o vivenciaram a fim de confrontar os relatos. Por isso, quem quer credibilidade vai verificar no original”, considera a especialista que trabalha com bibliotecas digitais.

Por outro lado, é fácil entender porque existem poucos recursos para a restauração de impressos. Os melhores equipamentos de digitalização são importados, já o restauro de um livro

raro pode custar até R\$ 30 mil. “Leva até dois meses para a realização do reparo e são poucos os profissionais capacitados”, segundo a restauradora Sílvia Breitsameter.

Além disso, se as publicações restauradas não estiverem em local apropriado, o trabalho será perdido. “Simplesmente guardar não resolve. Os documentos precisam de manutenção, higiene básica periódica e um acompanhamento, além do controle de umidade e temperatura”, relata a especialista. Ela lembra que, para Umberto Eco, a informática não substitui o livro impresso, que dura cinco séculos, enquanto um programa de computador pode ser modificado a qualquer momento. É por isso que os acervos físicos são preservados mesmo em tempos de “F5” no Google.

O Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS disponibiliza consulta agendada ao acervo pelo fone 3308-6631. O pesquisador pode levar cópias em pen-drive ou CD sem custo.

► **Redação** Priscila Daniel | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Grupo de Brincantes do Paralelo 30 é uma das atrações do Festival



Maré de inverno

Extensão Festival de Arte em Tramandaí terá atividades que buscam o intercâmbio de culturas

Em julho, uma onda diferente invade as praias do litoral gaúcho. A UFRGS, em parceria com a Prefeitura de Tramandaí e com o apoio das prefeituras dos municípios do Litoral Norte, lança o Festival de Inverno Maré de Arte. O projeto acontece de 29 de julho a 5 de agosto no Centro de Eventos de Tramandaí. A programação conta com apresentações culturais, espetáculos musicais e oficinas. Utilizando um conceito da língua africana Zulu, "umbuto", que significa "sou quem sou por aquilo que todos somos", a iniciativa resume seu propósito: consolidar as relações entre a Universidade e as outras cidades gaúchas, valorizando suas peculiaridades.

Segundo a coordenadora do projeto, Sinara Robin, a escolha de Tramandaí se deve à sua relevância como cidade polo do Litoral Norte e à recente

definição da sede da Universidade no município. A ideia é mobilizar todos as cidades do entorno. Para Wagner Freitas, diretor do Departamento da Juventude de Tramandaí e um dos coordenadores da atividade, o evento representa um estímulo para que a comunidade do litoral se envolva com o que a Universidade está oferecendo à cidade.

A programação conta com atividades de extensão que variam de oficinas de danças rítmicas e de astronomia a exibição de filmes como *Janela Indiscreta* e *Cinema Paralelo*. Além de programas da UFRGS, também irão participar iniciativas do litoral, como artesãos, grupos de terceira idade e de terapia comunitária.

A elaboração de um Festival de Inverno em Tramandaí é uma tentativa de desmistificar o paradigma de que ir à praia se limita às estações mais quentes

do ano. "No verão, o litoral fica lotado e sua população quadruplica; depois, todos vão embora, deixando para trás cidades-fantasma. Fazer um festival de inverno no litoral é justamente buscar conviver com a diversidade e com a imensa riqueza e possibilidade de encontros", diz Sinara. "As cidades no inverno continuam produzindo", completa. Para Wagner, essa iniciativa vai ao encontro de um movimento que busca agitar a cidade com atividades que atraiam as pessoas durante todo o ano, não apenas na época de calor. Essa é a primeira edição do evento, mas já há a perspectiva de novas realizações.

A entrada é franca e as inscrições devem ser feitas pelo e-mail difusaocultural@ufrgs.br. A programação completa pode ser conferida no site da Difusão Cultural: <http://www.difusaocultural.ufrgs.br>.

GINEMA

Mostra Expressionismo Alemão

Ciclo promovido pela Sala Redenção. Sessões com entrada franca.

O GABINETE DO DR. CALIGARI (Das Cabinet des Dr. Caligari, 1912, Alemanha, 78 min), de Robert Weiner
Sessões: 2 de julho, 16h; 4 de julho, 19h

O GOLEM (Der Golem, 1920, Alemanha, 98 min), de Paul Wegener
Sessões: 2 de julho, 19h; 3 de julho, 16h



NOSFERATU (Nosferatu, 1922, Alemanha, 94 min), de F.W. Murnau
Sessões: 3 de julho, 19h; 5 de julho, 16h

A ÚLTIMA GARGALHADA (Der Letzte Mann, 1924, Alemanha, 91 min), de F. W. Murnau
Sessões: 5 de julho, 19h; 6 de julho, 16h

FAUSTO (Eine Deutsche Volksage, 1926, Alemanha, 116 min), de F. W. Murnau
Sessões: 6 de julho, 19h; 9 de julho, 16h

DR. MABUSE: O JOGADOR (Dr. Mabuse: der Spieler, 1922, Alemanha, 297 min), de Fritz Lang
Sessões: 9 de julho, 19h; 10 de julho, 16h

DR. MABUSE: O INFERNO DO CRIME (Dr. Mabuse: Ein Bild der Zeit, 1922, Alemanha, 109 min), de Fritz Lang
Sessões: 10 de julho, 19h; 11 de julho, 16h

METRÓPOLIS (Metropolis, 1926, Alemanha, 119 min), de Fritz Lang
Sessões: 12 de julho, 16h; 19 de julho, 16h

M - O VAMPIRO DE DUSSELDORF (M, 1931, Alemanha, 117 min), de Fritz Lang
Sessões: 12 de julho, 19h; 13 de julho, 16h

OS MIL OLHOS DO DR. MABUSE (Die 1000 Augen des Dr. Mabuse, 1960, Alemanha Ocidental/França/Itália, 103 min), de Fritz Lang
Sessões: 13 de julho, 19h; 16 de julho, 16h

O GABINETE DAS FIGURAS DE CERA (Das Wachfigurenkabinett, 1924, Alemanha, 65 min), de Paul Leni e Leo Birinsky
Sessões: 16 de julho, 19h; 17 de julho, 16h

O GATO E O CANÁRIO (The Cat and The Canary, 1927, EUA, 84 min), de Paul Leni
Sessões: 17 de julho, 19h; 18 de julho, 16h

O HOMEM QUE RI (The Man Who Laughs, 1928, EUA, 110 min), de Paul Leni
Sessões: 19 de julho, 19h; 20 de julho, 16h

O ESTUDANTE DE PRAGA (Der Student Von Prag, 1926, Alemanha, 91 min), de Henrik Galeen
Sessão: 20 de julho, 19h

Mostra Vincent Price

Seleção de filmes com o ator que imortalizou-se como o mestre do horror. Sessões na Sala Redenção com entrada franca.

A CASA DOS MAUS ESPÍRITOS (House on Haunted Hill, 1959, EUA, 75 min), de William Castle
Sessões: 23 de julho, 16h; 25 de julho, 19h

A QUEDA DA CASA DE USHER (House of Usher, 1960, EUA, 79 min), de Roger Corman
Sessões: 23 de julho, 19h; 24 de julho, 16h

AS SETE MÁSCARAS DA MORTE (Theater of Blood, 1973, Inglaterra, 104 min), de Douglas Hickox
Sessões: 24 de julho, 19h; 26 de julho, 16h

DR. MORTE (Madhouse, 1974, EUA, 91 min), de Jim Clark
Sessões: 26 de julho, 19h; 27 de julho, 16h

MURALHAS DO PAVOR (Tales of Terror, 1962, EUA, 99 min), de Roger Corman
Sessões: 27 de julho, 19h; 30 de julho, 16h

NO DOMÍNIO DO TERROR (Twice-Told Tales, 1963, EUA, 104 min), de Sidney Salkow
Sessão: 30 de julho, 19h



O ABOMINÁVEL DR. PHIBES (The Abominable Dr. Phibes, 1971, USA, 94 min), de Robert Fuest
Sessão: 31 de julho, 16h

O CORVO (The Raven, 1963, EUA, 83 min), de Roger Corman
Sessão: 31 de julho, 19h

Cine F

Projeto de extensão que propõe a retomada do cineclubismo. A entrada é franca e as exposições ocorrem às 18h30, no Auditório II da Fabico, seguidas por debates.



TRAGA-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA (Bring Me the Head of Alfredo Garcia, EUA/México, 1974, 112min), de Sam Peckinpah
Sessão: 2 de julho

CALAFRIOS (Shivers, Canadá, 1975, 87min), de David Cronenberg
Sessão: 16 de julho

O FANTASMA DA LIBERDADE (Le Fantôme de la Liberté, França/Itália, 1974, 104min), de Luis Buñuel
Sessão: 30 de julho,

CineDHebate Cineastas - A América de Frank Capra

SUA ESPOSA E O MUNDO (State of the Union, EUA, 1948, 124min), de Frank Capra
Sessão: 4 de julho, 16h, Sala Redenção

CineDHebate em Direitos Humanos

Exibição mensal de filme sobre a educação em direitos humanos. As sessões ocorrem na Sala Redenção, têm entrada franca e são seguidas por debates.



CLUBE DA LUTA (Fight Club, EUA/Alemanha, 1999, 139min), de David Fincher
Debateadores: Cláudia Poli e Juca Gil
Sessão: 11 de julho, 19h

Infância e Adolescência no Cinema

Mostra realizada pelo Instituto de Psicologia, com sessões gratuitas e seguidas por debates. Coordenação: Amadeu Weinmann.

A GLÓRIA DE MEU PAI (La Gloire de mon Père, França, 1990, 110min) de Yves Robert
Debateadoras: Milena Silva e Fatimarieli Luardelli
Sessão: 11 de julho, 18h30
Local: Auditório I da Fabico
Inscrições: cineinfancia-adolescencia@gmail.com

História no Cinema para Vestibulandos

Projeto de extensão mensal que relaciona a didática cinematográfica a conteúdos de História cobrados no Vestibular. A entrada é franca.

DESMUNDO (2002, Brasil, 101min), de Alain Fresnot
Tema: Brasil Colônia
Palestrantes: Alfredo Ranzan e Jacson Schwengber
Sessão: 14 de julho, das 9h30 às 12h30
Local: CineBancários

História da Arte e Cinema: Heterotopias

O ciclo exhibe filmes que debatem a produção artística. Sessões na Sala Redenção com entrada franca.

ARTEMÍSIA (Alemanha/França/Itália, 1997, 98min), de Agnès Merlet
Comentadores: Ana Flávia Oliveira e Luís Edgar Costa
Sessão: 18 de julho, 19h

Sessões com Audiodescrição

EM TEU NOME (2009, Brasil, 102 min), de Paulo Nascimento
Sessão: 4 de julho, 9h, Sala Redenção

Assufgrs no Matiné

O PALHAÇO (2011, Brasil, 90 min), de Selton Mello
Debatedor: Evandro Cardoso
Sessão: 25 de julho, 16h, Sala Redenção

2012 e o Fim do Mundo: os 13 Cavaleiros do Apocalipse

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (Blindness, 2008, Canadá/Brasil/Japão, 121 min), de Fernando Meirelles
Comentadores: Luís Augusto Fischer (UFRGS) e Luiz Roberto Barbosa (IFSUL)
Sessão: 7 de julho, 15h30, Sala Redenção

O SACRIFÍCIO (Offret, 1986, França/Reino Unido/Suécia, 142 min), de Andrei Tarkovsky
Comentadores: Anderson Vargas (UFRGS) e Rafael Quinsani (UFRGS)
Sessão: 14 de julho, 15h30, Sala Redenção

2012 (2009, EUA, 158 min), de Roland Emmerich
Comentadores: Gerson Fraga (UFFS) e José Beck (Rede Municipal de Tapes)
Sessão: 21 de julho, 15h30, Sala Redenção



AS INVASÕES BÁRBARAS (Les Invasions Barbares, 2003, Canadá/França, 99 min), de Denys Arcand
Comentadores: Cesar Guazzelli, Temístocles Cezar, Maria Luiza Martini (UFRGS) e Cláudio Elmir (UNISINOS)
Sessão: 28 de julho, 15h30, Sala Redenção

ONDE?

► **Auditórios I e II da Fabico**
Ramiro Barcelos, 2.705

► **CineBancários**
Gen. Câmara, 424
Fone: 3433-1204

► **Planetário**
Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

► **Sala Álvaro Moreyra**
Érico Veríssimo, 307
Fone: 3289-8066

► **Sala João Fahrion**
Paulo Gama, 110,
Fone: 3308-3933

► **Sala Redenção**
Luiz Englert, s/nº
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

► **Teatro do Museu do Trabalho**
Andradas, 230
Fone: 3227-5196

MÚSICA



Unimúsica

ORQUESTRA À BASE DE CORDA
Criado em 1998 por Roberto Gnatalli, o grupo se dedica à pesquisa e à divulgação da música brasileira. Sua formação inclui violino, bandolim, cavaquinho, viola caipira, violão, violão de sete cordas, piano e percussão. O repertório abrange diversas épocas da música nacional.
Data: 5 de julho
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, 20h
Retirada de senhas para ingresso na bilheteria do Salão mediante a doação e 1kg de alimento não perecível a partir do dia 2 de julho

Interlúdio

DUO FLAUTA E PIANO + QUARTETO DE JAZZ
Iniciativa do Departamento de Música do IA e do Departamento de Difusão Cultural, o Interlúdio realiza um recital de música de câmara por mês. Em julho, a atração é o duo formado por Thais Fernandes e Paulo Meirelles que se apresentará com o quarteto integrado por Rubens Baggio, Érico Bezerra, Gabriel Nunes e Gabriel Aydos.
Sessão: 20 de julho
Local e horário: Salão de Atos, 12h30
Entrada franca

Som no Salão

SEREONATO
Segunda edição do projeto que incentiva as novas manifestações artístico-musicais brasileiras. A atração de julho é Nennung e o Projeto Dragão, com um show que mistura música, poesia, cenografia, projeções e intervenções teatrais.
Data: 25 de julho
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, 20h
Ingresso: 1kg de alimento não perecível

TEATRO

Mostra DAD 2012/1

A apresentação de trabalhos dos alunos do Departamento de Arte Dramática do IA-UFRGS. Entrada franca.

Sala Álvaro Moreyra

O OUTRO
Estágio de Atuação II de Anildo Bões
Sessões: 12 e 13 de julho, 20h

MAIS UMA DOSE E OUTRAS (HISTÓRIAS)
Estágio de Atuação II de Júlia Marsiaj, Kelly Gil e Márcio Moreira
Sessões: 13, 14 e 15 de julho, 13h30min

TO BE OR NOT TO BECKETT
Estágio de Interpretação Teatral II de Carolina Diemer

PLANETÁRIO

Programação sobre temas da astronomia. Ingressos individuais para as sessões: 1 kg de alimento não-perecível.

Programa infantil: O PLANETA AZUL
A nave interplanetária Mast leva os espectadores a uma viagem pelo Sistema Solar.

Sessões: 18 e 19 de julho, 20h

BONITO QUASE BRANCO
Estágio de Atuação de Anna Júlia Amaral
Sessões: 20, 21 e 22 de julho, 20h

Teatro do Museu do Trabalho

BOM, O MAU E O PECADOR
Estágio de Encenação I de Luís Fabiano de Oliveira
Sessões: 23, 24 e 25 de julho, 20h

V AO CUBO
Estágio de Montagem II de Natália Soldera
Sessões: 26, 27, 28 e 29 de julho, 20h

Sessões: 1º, 8, 15 e 22 de julho, 16h

Programa adulto: CAMINHO DAS ESTRELAS
Percurso através de lendas e de feitos que culminam no sonho de alcançar as estrelas.
Sessões: 1º, 8, 15 e 22 de julho, 18h

Meu Lugar na UFRGS

A miss RS estuda aqui

Depois de Teutônia, na casa dos pais, a UFRGS é o segundo lar da Miss Rio Grande do Sul 2012, Gabriela Markus. Mais especificamente, o Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA), onde estuda desde 2008: "Meu lugar na UFRGS é na Engenharia de Alimentos, onde estou construindo o meu futuro, conhecendo professores e fazendo amizades que levarei para o resto da vida".

E a maior dessas amizades é Anelise Possamai, que Gabriela conheceu no dia da matrícula do primeiro semestre do curso, e com quem, desde então, compartilha os momentos vividos na Universidade. Até os pais de sua amiga a adotaram e costumam presentear-na com doces e geleias caseiras. Mas, nos últimos tempos, tais guloseimas ficam guardadas, pois a dieta de uma miss não permite abusos gastronômicos.

O que não a impede de usar algumas colheradas de açúcar para adoçar o cafezinho que ela gosta de preparar para as colegas do Laboratório de Microbiologia e Controle de Alimentos, onde foi bolsista por um ano. O encontro acontece nos finais de turno, quando as "gurias" se reúnem na recepção do Laboratório, e quem pilota a cafeteira é Gabriela: "Eu não sei mexer nessa coisa", confessa Anelise, alcançando para a amiga o recipiente de água reabastecido para mais um café.

O professor responsável pelo Laboratório, Eduardo Tondo, é um *habitué* desses momentos, mas não estava entre as meninas quando elas se ocuparam de um assunto muito pertinente para essa fase da vida de Gabriela, repleta de atividades sociais. Elas conversavam sobre etiqueta à mesa, sabatinando a rainha: "Pega garfo e faca, queremos ver como tu comes", desafiavam. "Uma conversa muito descontraída, porque elas me conhecem antes de eu ser miss", comenta com carinho, acrescentando: "Gosto que as pessoas me conheçam como Gabriela, para depois descobrirem que sou miss".

Muito tranquila ao falar sobre sua vida dentro e fora da UFRGS, a estudante se define como uma pessoa simples, que se veste com discrição, quase não usa maquiagem,

nem costuma andar de salto alto: "Até porque não combina eu andar assim no Câmpus". Embora não critique as mulheres que valorizam mais a aparência e buscam corrigir aquilo que não gostam em seu corpo, ela diz preferir as coisas naturais: "A beleza a gente consegue mostrar de outras formas, não só através do tipo físico. Quando conversamos com as pessoas, elas se tornam mais bonitas do que aquilo que a gente enxerga".

Desde que venceu o concurso, Gabriela teve de reduzir suas atividades, matriculando-se em "apenas" seis disciplinas e deixando de colaborar como bolsista no Laboratório. Ela comenta que foi difícil dar conta dos estudos e da preparação para o desfile, pois cursava sete disciplinas e ainda precisou intensificar as aulas de academia para ficar em forma. Agora, faltando 30% do curso, "o mais difícil já passou, os cálculos e as físicas".

E foram justamente essas disciplinas que a fizeram definir o curso para o qual faria vestibular. Gabriela sempre gostou da área das exatas. Suas notas de matemática e física eram altas, e ajudava os amigos que não tinham a mesma paixão por tais disciplinas. Por isso, quando concluiu o ensino médio tinha claro que faria algum tipo de engenharia. Em 2008, foi aprovada no vestibular da UFRGS e mudou-se para Porto Alegre.

O mais engraçado na experiência como miss são as ocasiões em que Gabriela vai às aulas de disciplinas oferecidas a todas as engenheiras, que reúnem em uma única sala alunos de diversos cursos, o que significa uma presença predominante de rapazes. "Eles ficam cochichando. Não sabem o meu nome, mas sabem que sou a miss." No Câmpus do Vale, onde fica o ICTA, o assédio também é assim, meio camuflado, discreto. Ninguém pede autógrafa ou uma foto com ela. Mas, segundo a porteira do Instituto, é comum perguntarem: "É aqui que estuda a miss"?

Jacira Cabral da Silveira

As entrevistas aqui publicadas serão exibidas na UFRGS TV (Canal 15 da NET) diariamente, às 20h e às 23h.

Perfil



Uma vida em cartaz

Geraldine Tisser
Contrariando o destino, professora aposentada transformou sua rotina em um espetáculo da Broadway

Everton Cardoso

Depois do número discado, o telefone começa a chamar: "Olá!", diz a voz do outro lado, em tom alegre e efusivo. A reação imediata é responder à saudação, mas logo a mensagem automática continua: "Aqui fala a empresária da grande atriz e bailarina Geraldine, que no momento não pode ser interrompida, pois está ensaiando. Por gentileza, deixe seu nome e seu recado para que ela possa dar-lhe um retorno assim que possível com muito amor e carinho. Bye bye!". Este é um daqueles casos em que a ausência diz quase mais que a presença da pessoa procurada: a professora aposentada Geraldine Tisser tem uma rotina tão agitada que é muito mais provável deixar um recado que conversar com ela na primeira tentativa. E a divertida mensagem da secretária eletrônica é a realidade: ela provavelmente está ensaiando algum dos gêneros de bailado a que se dedica. Mas engana-se quem acha que músicas e coreografias são novidades em sua vida.

Estrela adlada – Desde muito cedo, Geraldine quis ser dançarina. "Toda a minha vida tive esse sonho e estava decidida a realizá-lo. Por isso, queria morar em Nova York para dançar na Broadway", conta. E foi por pouco que a adolescente que dançava balé desde criança não conseguiu colocá-lo em prática. Ganhou uma bolsa de estudos na metrópole estadunidense que habitava seu imaginário, mas havia uma condição para que pudesse ir: estar fazendo um curso superior. Obstinada que é, resolveu ingressar na Universidade, estudar por meio semestre e trancar a matrícula para viajar. "Eu ia embora para sempre", enfatiza. A escolha do curso veio quase por acaso. "Sempre gostei da área da saúde. Um dia, na UFRGS, vi um cartaz que dizia 'O que é um farmacêutico-bioquímico?',

relata. Fez, então, vestibular e foi aprovada. Mas, ainda no primeiro semestre, mudou seus planos. Uma paixão arrebatadora a fez desistir de seu sonho. "Foi tão intenso, que eu não quis mais ir embora", revela. "Quando me formei, abri um concurso na Universidade, e eu, recém-formada, passei e fiquei lecionando. Trabalhei toda a minha vida na Faculdade de Farmácia, até me aposentar."

Professora do Departamento de Produção e Controle de Medicamentos, Geraldine guarda boas lembranças de sua passagem pela UFRGS. "Ainda tenho contato com meus antigos alunos", conta. "Foi um tempo muito feliz lá dentro." E mais: ela reúne a turma de colegas de faculdade todos os anos. Do grupo de 60 pessoas que se formaram com ela, consegue juntar cerca de 20 a cada ano, "puxando-os pelo cabresto". Esses encontros que ela descreve como divertidos, porém, não significam que a farmacêutica vive uma relação de melancolia com seu passado: "Não vivo de nostalgia. Vivo de presente e de futuro!".

Turnê pelo mundo – Quando fala de seu presente, Geraldine descreve suas duas principais atividades como "as melhores coisas da vida": dançar e viajar. Como desde a infância sempre viajou muito com os pais, a professora aposentada pegou gosto pelas andanças mundo afora. Só para o Egito já foi oito vezes e diz ainda continuar querendo visitar aquele país. Além da terra das pirâmides e dos faraós, viajou a destinos tão improváveis quanto Jordânia, Líbano, Síria, Camboja e Nepal. O sonho, ir ao Iêmen. "Todo mundo caiu quando digo que não conheço a Alemanha", diverte-se ao demonstrar seu desinteresse pela Europa. As exceções: Espanha – afinal, é dançarina de flamenco – e Áustria – terra natal de seus pais. "Sempre que posso vou para o outro lado do mundo", explica ao dizer-se uma apaixonada pelo Oriente. De acordo com ela, essa paixão pelas terras mais distantes do planeta vem de sua infância: "Minha mãe contava que meus amigos imaginários eram sempre árabes. Eu contava histórias mirabolantes". A exceção são as anuais temporadas em Nova York para ir a espetáculos na Broadway.

Fruto de seus passeios, Geraldine coleciona de tudo. São dezenas de álbuns de fotos tiradas com sua câmera que usa filmes em rolo. "Não entrei na era da informática", justifica. E complementa: "Gosto de da expectativa de revelar as fotos quando volto e, depois, de fazer os álbuns". Mas o que realmente chama atenção quando se visita a farmacêutica são os milhares de souvenirs espalhados

pelos dois apartamentos conjugados em que vive. São chaveiros, isqueiros, bonecas, bibelôs, relógios, imãs de geladeira e toda a sorte de objetos que ela traz de suas andanças. Para se ter uma dimensão, basta ver as duas geladeiras cobertas de imãs de todas as formas e tamanhos que agora se espalham também por chapas de metal penduradas nas portas dos guarda-roupas e nas paredes. Não são poucos os bichos de pelúcia que associam quando se passa diante deles; e há os que precisam ser apertados para emitirem sons – o que a anfitriã faz quando passa por eles.

Em se tratando de danças, o gosto de Geraldine se aproxima de suas preferências por viagens: o Oriente é o que a atrai. Tanto é que já fez dança do ventre e hoje pratica temas típicos do folclore da região. Mas é no flamenco que está sua atividade mais longa: são vinte anos de experiência no ritmo típico do sul da Espanha. E, apesar de não ter concretizado o sonho de dançar nos EUA, criou sua própria Broadway: todos os anos, em dezembro, época de seu aniversário, apresenta a montagem de um espetáculo musical. Já dublou e dançou Cabaré, Chicago, entre outros musicais dirigidos por ela mesma. Quando viaja em cruzeiros, faz questão de se apresentar em shows de talentos.

Figurino de tigresa – O apartamento de Geraldine é uma extensão de sua personalidade, não só pelo colecionismo e pelas lembranças de viagem, mas também pela onipresença de objetos com estampa de onça e tigre. São estofados, bancos, cadeiras, almofadas, colchas, tapetes e até mesmo um inesperado assento de vaso sanitário. Essa é a paixão de uma mulher vaidosa que não tem o menor pudor em se auto-descrever como "perua". O cabelo está sempre arrumado em coque à espanhola; os lábios coloridos com batom, em geral vermelho; as roupas são de tons vibrantes e cheias de lantejoulas e brilhos; os óculos têm lentes cor-de-rosa; pulseiras, brincos, correntes e balangandãs vão fazendo barulho enquanto gesticula. Só nos pulsos são aproximadamente cinquenta peças que já lhe renderam muitos problemas em aeroportos, pois ela se recusa a tirá-las para passar pelo detector de metais. Mas não é só pela forma de se vestir que as atenções se voltam para Geraldine – "Não é Jaqueline, Serafina, nada do que me chamam", enfatiza. Isso também acontece quando ela sai pela cidade em seu Fusca 1972 – o "poderoso" – com estofamentos em tecido que imita pele de tigre e cheio de borboletas penduradas no teto. A cor da lataria, claro, é azul pavão.



Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



TEXTO E FOTOS
CARINE WALLAUER

Auto biografia



Quando criança, eu tinha certo pavor de ser fotografada. Sempre fugia das câmeras. Não gostava da ideia de fazer poses, de sorrir em festas de aniversário para eternizar um sentimento que não correspondia à realidade do momento. Tem períodos da minha infância dos quais não guardo nenhum registro. Desenvolvi verdadeiras técnicas para sumir quando alguém sacava a máquina.

Aos domingos, costumávamos almoçar na casa da minha avó paterna, Vó Ina. Para me distrair, brincava de experimentar roupas na lojinha que ela tinha na garagem. Usava as maquiagens das minhas tias, escondida no banheiro. Abria gavetas, armários. Buscava companhias, na tentativa de povoar o meu solitário mundo de filha única – até o nascimento do Joãozinho, quando eu tinha 12 anos.

Numa dessas minhas andanças dominicais, encontrei em uma estante do antigo quarto do meu pai – que na época era uma sala de guardar tudo e hoje já não é mais nada, como qualquer outra coisa da casa que um dia foi de Vó Ina – duas caixas de sapato pretas, quase cinzas, tingidas por uma espessa camada de poeira. Abracei as duas e fui sentar na cama do quarto principal. Espirros e curiosidade me fizeram abrir logo as caixas.

Dentro, fotografias antigas, de diferentes épocas. Algumas minhas, outras de meus avós, pai, tias, de pessoas que eu não conhecia, mas de quem imediatamente passei a me sentir tão próxima. Essas duas caixas pretas que guardavam memórias mudaram a forma como eu olhava para a câmera escura. Tanto para suas lentes, enquanto pessoa fotografada, como para sua utilização. Anos mais tarde me apropriei dela e comeci a buscar aquele sentimento contido nas antigas fotos da família. E essa busca sou eu.

CARINE WALLAUER É JORNALISTA E FOTÓGRAFA. TEVE TRABALHOS EXIBIDOS NO FESTFOTOPOA-2010.

